

BAHIA DE TODOS OS CANTOS

CULTURA É O QUÊ?

**Quadrilha do Mucambo,
Boi Jaú, Vai-de-Virá e
Grupo Vozes: expressões
culturais de uma Bahia
cada vez mais plural**

Página 30

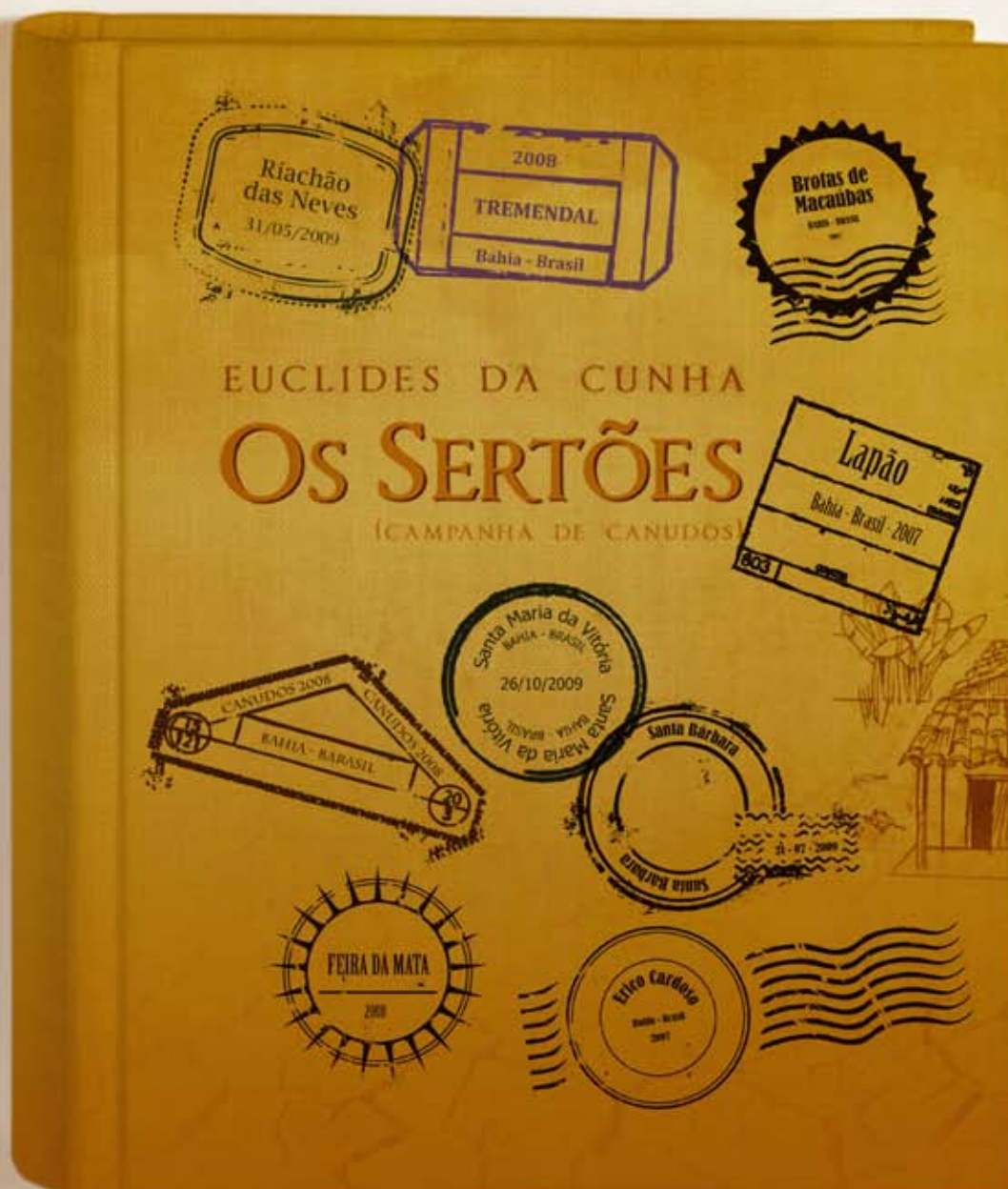
TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE

**Bahia nos trilhos. A soja do
Oeste Baiano, o minério do
Sertão Produtivo e a localiza-
ção estratégica do Litoral Sul
na rota do desenvolvimento**

Página 16

{ 75 bibliotecas públicas
implantadas desde 2007. }

{ O conhecimento agora chega
para cada vez mais baianos. }



O COMPROMISSO AGORA É ZERAR O NÚMERO DE MUNICÍPIOS SEM BIBLIOTECAS EM 2010.

Desde 2007, a Fundação Pedro Calmon, com o apoio do Governo Federal e das prefeituras municipais, implantou em todo o Estado 75 bibliotecas municipais informatizadas, dotadas de equipamentos eletrônicos e com um rico acervo de obras literárias. Até o final deste ano a meta é garantir que todos os municípios baianos sejam beneficiados. As bibliotecas públicas estaduais também foram contempladas e já estão passando por reformas e adquirindo publicações. Tudo isso está modernizando a biblioteca pública e garantindo aos baianos muito mais acesso à cultura e ao conhecimento.



4

Soja, destaque no Oeste Baiano

REVISTA BAHIA DE TODOS OS CANTOS

Uma publicação do Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, Secretaria de Planejamento e Casa Civil.

Tiragem: 20 mil exemplares

Impressão: Empresa Gráfica da Bahia

Distribuição gratuita

GOVERNADOR

Jaques Wagner

SECRETÁRIA DA CASA CIVIL

Eva Maria Dal Chiavon

SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO

Walter Pinheiro

SECRETÁRIO DE CULTURA

Márcio Meirelles

DIRETOR GERAL DA EGBA

Luiz Gonzaga Fraga de Andrade

DIRETOR DE PLANEJAMENTO

TERRITORIAL

Benito Juncal

DIRETOR DA FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Ubiratan Castro de Araújo

CONSELHO EDITORIAL

André Santana (FPC), Ana Romero (EGBA),

Marcelo de Tróia (SECULT), Pablo Barbosa (SEPLAN)

EXPEDIENTE

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Vânia Lima | DRT 2170

PAUTA

Eneida Trindade

PRODUTORES

Cristiano Moraes e Bruno Ramos

REPORTAGENS

Zeção Castro e Vanessa Francisco (Tv)

EDIÇÃO

Vânia Lima | DRT 2170

DIREÇÃO FOTOGRÁFICA

Mateus Pereira, Cláudio Antônio (Tv)

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL

Frederico Filho

PROJETO GRÁFICO ATUAL

André Portugal

DIREÇÃO DE ARTE

Aline Cerqueira, Tamyr Mota

ILUSTRAÇÕES

Gabriel Mello

REVISÃO

Rita Canário

REALIZAÇÃO

Lima Comunicação



BAHIA DE TODOS OS CANTOS

EDITORIAL

Oeste Baiano, Sertão Produtivo e Litoral Sul. Esses são os três Territórios de Identidade abordados na quarta edição da revista Bahia de Todos os Cantos. Desenvolvimento, sustentabilidade e belas tradições culturais foram as palavras mais encontradas nas regiões visitadas.

O Oeste Baiano, antiga "região do Além São Francisco", está integrado ao desenvolvimento econômico do estado e identifica-se como o maior produtor de soja do Norte-Nordeste e o segundo produtor de algodão do país. O programa Oeste Sustentável, lançado em 2009, conteve o avanço agressivo sobre o cerrado, garantindo a sustentabilidade.

A logística proporcionada pela Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL) promete transporte rápido, sem interrupções, seguro e que suporta grandes volumes, repercutindo em toda a economia do estado. Com 1.490 km de extensão, 1.100 deles em território baiano, sua construção terá início em maio deste ano e será concluída em dezembro de 2012.

No Sertão Produtivo, espera-se o transporte, pela ferrovia, de 20 milhões de toneladas de ferro ao ano. A irrigação faz de Livramento de Nossa Senhora, Dom Basílio e Brumado polos da fruticultura baiana, e o escoamento da produção de manga e maracujá será beneficiado com a FIOL.

No Território Litoral Sul, melhorias no processo produtivo e no escoamento da produção com a estruturação do Complexo Logístico Porto Sul, da Zona de Apoio Logístico (ZAL) e da Zona de Processamento de Exportação (ZPE). A sustentabilidade está garantida na Reserva Particular de Patrimônio Natural de Serra Bonita, na estrada de Camacan-Jacareci.

São provas de que é possível vencer o desafio da sustentabilidade com sinergia entre investimentos econômicos, preservação de ecossistemas e modo de vida da população, tema do Ponto de Vista desta edição. No artigo, a certeza de que o exercício da cidadania com planejamento comprova que democracia nem sempre significa consenso.

Entre as atrações culturais, a Casa Anísio Teixeira conta a história do ilustre educador baiano em Caetité, no Sertão Produtivo; em Guanambi, o samba de roda Vai-de-Virá é patrimônio imaterial. A Lagoa Encantada, em Laranjeiras, e a Cachoeira do Véu de Noiva, em Livramento, completam os passeios inesquecíveis dos territórios Litoral Sul e Oeste Baiano, respectivamente.

Uma viagem para não ser esquecida. Boa leitura!



ENTREVISTA

O ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, fala sobre a criação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social baiano.

6



DE PERTO

Tradições culturais no Oeste Baiano e no Sertão Produtivo, reinvenção no Litoral Sul. Chegue mais perto e conheça as identidades baianas.

8



CULTURA É O QUÊ?

Grupo Vozes e a trajetória do teatro baiano, Boi Jaú e Quadrilha do Mucambo no celeiro de tradições da cultura popular. E não deixe de conhecer o Vai-de-Virá.

30



CAUSOS E COISAS

Você conhece a história do hino “Avante, Camaradas”? E a da pobre Leocádia? E o poder dos espíritos indígenas? Causos e Coisas para você.

34

Perfil 14

Banda O Quadro mistura influências e conquista público na Bahia e no Brasil.





CIRCULANDO

Os bastidores da revista, do site e do programa de TV Bahia de Todos os Cantos.

36



MURAL

Moraes Moreira, Waldick Soriano, o Bataclan, o tradicional carro de boi e outros destaques curiosos na coluna Mural.

38



PONTO DE VISTA

Sustentabilidade: um desafio de todos. Confira o ponto de vista do secretário executivo do Cepam, Eduardo Mattedi.

40



ARTIGO

Edson Valadares, chefe de Gabinete da Seplan, fala sobre planejamento e exercício da democracia.

42

Territórios 16

Nos Trilhos do Desenvolvimento: conheça a Ferrovia Oeste-Leste, que corta territórios do Oeste Baiano, Sertão Produtivo e Litoral Sul, trazendo novas perspectivas para o crescimento do estado.



Codes cria oportunidade de debater o futuro econômico e social



Foto: Wilson Dias / ABr

Com apenas 38 anos, Alexandre Padilha é o mais jovem ministro do governo Lula. Responsável por fortalecer o diálogo e a parceria com a iniciativa privada, a sociedade civil e os governantes eleitos, o ministro de Relações Institucionais esteve presente à cerimônia de posse dos 45 conselheiros do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (Codes) baiano, no mês de fevereiro, e concedeu entrevista à revista Bahia de Todos os Cantos. Ele falou sobre as contribuições do Conselho Nacional, expectativas e desafios da sua implantação no estado.

O Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (Codes) é um órgão majoritariamente da sociedade civil, de caráter consultivo da Presidência da República e que aposta fundamentalmente na perspectiva de colaborar para definição dos grandes rumos do país, de forma compartilhada. O senhor pode dar exemplos desta colaboração?

O Codes influenciou e contribuiu com várias políticas e decisões do governo. Citei, na reunião da instalação do Codes, a Agenda Nacional de Desenvolvimento, elaborada em 2004/2005, sob a coordenação do governador Jaques Wagner, então ministro do governo Lula e responsável pelo conselho. A agenda aponta prioridades, como os investimentos em infraestrutura econômica e social. Foi decisiva a sua contribuição para o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e para o Programa Minha Casa, Minha Vida. O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) incorpora um dos principais consensos da agenda, qual seja, a priorização da educação como base para o desenvolvimento. A agenda tem como eixo a promoção da equidade e hoje vemos mudanças expressivas nos indicadores de desigualdade face ao impacto do conjunto de programas de proteção social e transferência de renda.

A partir de sugestões do conselho, o governo regulamentou as operações de crédito consignado em folha de pagamento, a conta investimento, a Lei de Falências e a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas. Não menos importante, o Codes colaborou para a definição da posição brasileira na COP 15 e para a proposta do governo do marco regulatório da exploração do pré-sal.

De maneira muito forte e ativa, o Codes colaborou no enfrentamento da crise econômica internacional. Foram apresentadas diversas recomendações para proteger a dinâmica brasileira de desenvolvimento com distribuição de renda, como medidas para a manutenção do emprego, da renda e do crédito, visando ao fortalecimento do mercado interno, à manutenção dos investimentos públicos em infraestrutura e à redução da taxa de juro.

Para promover as mudanças que vêm sendo feitas no Brasil nos últimos anos, o governo federal fortaleceu o diálogo e a parceria com a iniciativa privada, a sociedade civil e os governantes, que representam o povo. O Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social pode ser considerado o melhor exemplo deste projeto de governabilidade? Por que?

O Codes foi criado pelo governo Lula em 2003 e é parte desta ampla rede de diálogo e participação, na qual cada fórum, cada espaço, os diversos conselhos e conferências têm seu papel e importância. Esta rede deve ser cada vez mais fortalecida, para que a sociedade contribua com a construção do país. Como ensinou o professor Celso Furtado, o desenvolvimento é fruto da vontade coletiva, só ocorre quando o conjunto das forças sociais nele se engaja.

O Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social vem contribuindo para um projeto compartilhado de desenvolvimento nacional que, para mobilizar os elementos funda-

mentais de governabilidade e viabilizar as ações, programas e políticas, deve abranger o governo – federal, estadual e municipal –, a sociedade civil e o parlamento.

Na cerimônia de posse dos 45 conselheiros do Conselho de Desenvolvimento Econômico baiano, entre eles o músico Carlinhos Brown e o presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, o senhor disse que esta é a oportunidade de debater o futuro e aproveitar o bom momento que a Bahia vive em parceria com o governo federal. Como essa diversidade pode contribuir com tal propósito?

Hoje temos no Brasil um conjunto de indicadores sociais e econômicos muito positivos e, mais importante, com perspectiva de sustentação a médio e longo prazos. A relação entre o governo da Bahia e o governo federal vive um momento de muita sinergia e a Bahia tem sua parte de responsabilidade nos frutos dessa dinâmica de crescimento econômico e inclusão social.

A diversidade de pontos de vista, opiniões e interesses legítimos presentes no Codes proporciona uma visão ampla e sistêmica das potencialidades e desafios do estado, além da geração de propostas que possam ser compartilhadas pelos diferentes setores. Este acordo sobre o futuro que queremos para a Bahia, sobre o futuro que queremos para o país, é orientador para as ações dos governos e atores sociais.

Diferentemente do Conselho de Desenvolvimento Nacional (os ministros compõem o conselho), apenas dois membros do governo fazem parte do Codes – o governador e o secretário de Relações Institucionais –, os outros 45 membros são da sociedade civil. O senhor considera esta uma iniciativa ousada do governo?

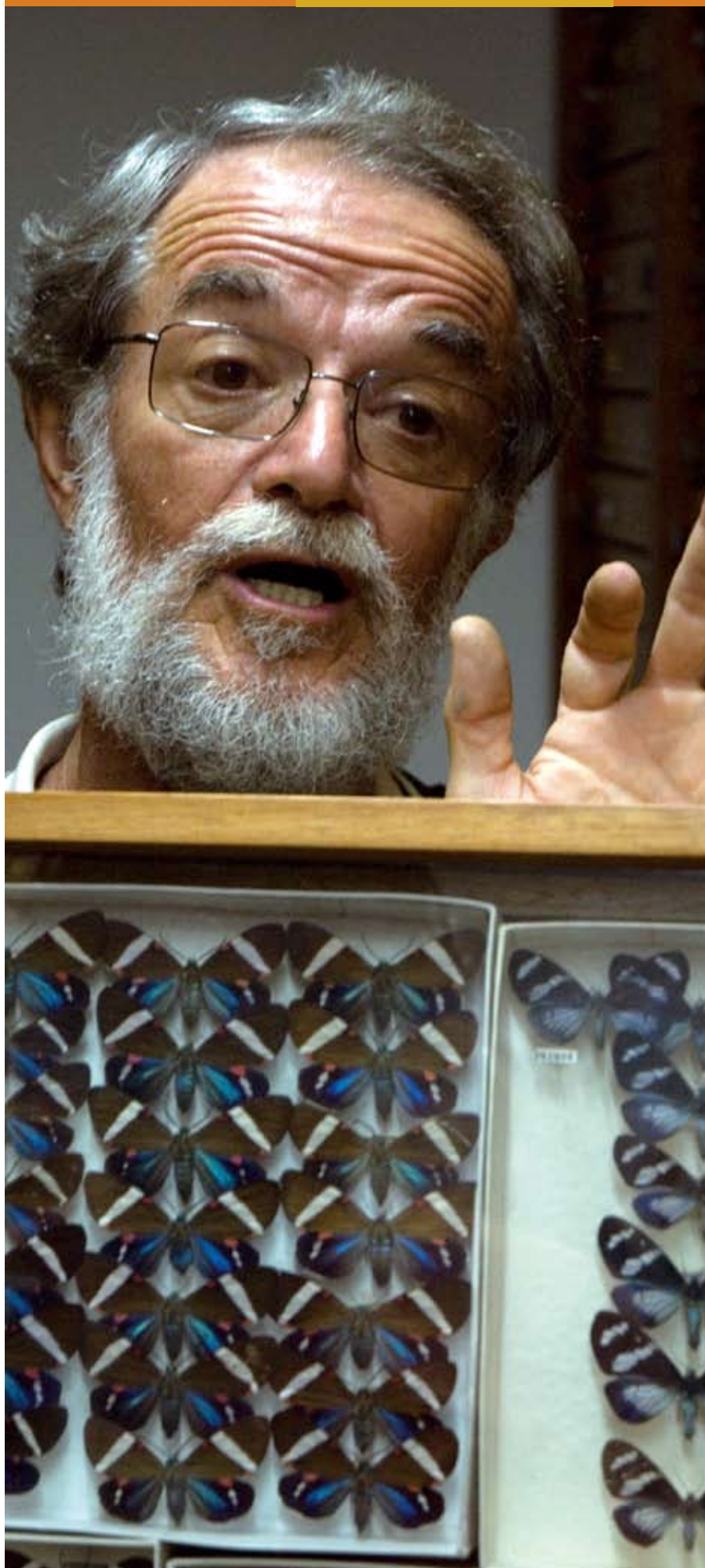
Temos visto, tanto nas experiências internacionais quanto nas experiências em curso no Brasil, diferentes formas de organização dos Conselhos Econômicos e Sociais, respondendo a cultura, características, interesses e conjuntura vivida em cada sociedade. Hoje, temos cerca de 60 instituições desse tipo no mundo e cinco em funcionamento nos estados e municípios brasileiros. Em comum, a convicção de que o diálogo entre o econômico e o social, o diálogo amplo, respeitoso e inclusivo é ferramenta fundamental para o desenvolvimento, em seus múltiplos e necessários aspectos – econômicos, sociais, ambientais, culturais. O Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Bahia organizou-se à sua maneira específica e a nós do Codes interessa manter toda cooperação, troca de experiências e aprendizagem conjunta.

Assim como acontece no Conselho Nacional, os dirigentes do estado da Bahia e outras lideranças certamente serão envolvidos nas diversas atividades e debates do Codes, a partir da definição dos temas a serem tratados. ■

“A diversidade de pontos de vista, opiniões e interesses legítimos presente no Codes proporciona uma visão ampla e sistêmica das potencialidades e desafios do estado.”



Foto: Wilson Dias / ABr



Reservas:

Desde menino, Ronilson Rodrigues dos Santos se acostumou a ver as verdejantes serras no entorno de Camacan, servindo de paisagem para os seus olhos. Simplesmente botava o banquinho diante delas e retratava em tintas a sua inspiração. Clareiras foram surgindo na mata e caminhões passavam carregados de toras, levando a morada dos pássaros. Poeticamente, ele resistia: pelo menos no mundo desenhado por seu pincel, os jequitibás, micos e gaviões-pegamacaco estariam a salvo.

Há sete anos, entretanto, ele tomava notícia de que o pesquisador aposentado da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Victor Becker criava por ali uma Reserva Particular de Patrimônio Natural, em Serra Bonita, na estrada Camacan-Jacareci. “Foi uma revolução na cidade, quando a gente soube que ia ter um centro de pesquisa e atividades de proteção à natureza”, explica. Um dia, juntou os quadros, subiu a serra e foi trabalhar com Victor Becker. Começou como ajudante e hoje é técnico de laboratório.

A coleção de lepidópteros (mariposas) da América tropical de Becker é a terceira maior do mundo (as outras duas são a do Museu Britânico e a do Museu de História Natural de Washington), sendo um atrativo a mais na Serra Bonita. Como pesquisador, o catarinense viajou o Brasil todo coletando espécies, encontrando mariposas não catalogadas e também



Victor Becker, defensor da RPPN, e a mostra da terceira maior coleção de mariposas da América tropical no mundo

Solução sustentável para a Mata Atlântica



Reservas de Patrimônio Natural de Serra Bonita são exemplo de opção sustentável para o Território Litoral Sul

muitas espécies cujos registros são de outros estados, ou seja, farto material para estudo.

O pesquisador aproveitou a aposentadoria, após 30 anos na Embrapa, e começou a comprar terras para a criação de uma Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN), modalidade de preservação instituída pela Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000, como forma de agregar os proprietários particulares de área de preservação permanente no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuc). Neste espírito surgiu, então, a RPPN Serra Bonita, com 800 hectares perpetuamente preservados.

“No passado, se você não usasse a terra, o Incra poderia declarar como área não produtiva e confiscá-la para reforma agrária ou assentamento, então os proprietários que queriam preservar ficavam nesse dilema, mas hoje a lei resolve isso, caso haja a concordância do Ibama”, explica.

Preservação ambiental e novas possibilidades

Todo o sul da Bahia está incrustado no âmbito do Corredor Central da Mata Atlântica, área de grande pressão ambiental e que ostenta a maior variedade de espécies vegetais do Planeta. O proprietário que quiser criar uma

RPPN deve entrar em contato com a Secretaria Estadual de Recursos Hídricos (Semarh). Ao contrário do que se pensa, não é preciso que o processo comece pelo Governo Federal. Desde julho de 2007, através do decreto Estadual nº 10.410, a Bahia passou a dispor de mecanismos para criar RPPN, através da Semarh, que avalia o interesse público na conservação da biodiversidade da área.

A RPPN tem por objetivos principais a proteção e conservação da diversidade biológica, da paisagem, das condições naturais primitivas, semiprimitivas, recuperadas ou cujas características justifiquem ações de recuperação pelo seu valor cultural, paisagístico, histórico, turístico, ecológico, científico, dentre outros, e para a preservação do ciclo biológico de espécies nativas.

Os proprietários de RPPN da Bahia e de Sergipe são representados, atualmente, pela Associação de Proprietários de Reservas Particulares da Bahia (Preserva), fundada em agosto de 2000 e que atua na defesa de ecossistemas e biomas da Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. O principal objetivo do Órgão é a orientação, no sentido de captação de projetos e fortalecimento dos proprietários das reservas particulares. ■

Em pleno oeste

“**V**inicius é um grande laçador que veio do Rio Grande do Sul. Lá de Espumoso. E seu tiro de laço foi positivo. Laçado o boi! Agora vem um laçador nordestino, que é o Tiago, vem correndo bem com seu cavalo, tá na corda!”

É dia de festa no Centro de Tradições Gaúchas Sinuelo dos Geraís, em Luís Eduardo Magalhães. Gelson Fontana, o patrão do espaço (espécie de diretor-geral), é quem narra a modalidade de prova campeira. A costela de boi está no fogo e a gordurinha pinga na brasa, despertando sensações.

No salão, damas e cavalheiros fazem a Dança do Pau de Fitas das Duas Damas. Recitais acontecem, louvando feitos de bravura da Guerra dos Farrapos, movimento separatista do século XIX. Os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) são assim, um canto natal para os amigos apreciarem um bom chimarrão, jogarem bocha e curtirem outros ingredientes tipicamente gaúchos. Estão espalhados em quase todo o Brasil e são, por definição, sociedades civis sem fins lucrativos que buscam divulgar uma cultura seguidora dos moldes do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Em Luís Eduardo Magalhães, o CTG funciona também como centro esportivo e como uma espécie de embaixada, não só de gaúchos, mas de baianos, mato-grossenses, pernambucanos, catarinenses, dentre outros. O nome Sinuelo, inicialmente, designava o boi



Acima: costela de boi na brasa. À esquerda: uma típica apresentação gaúcha



baiano, um pedaço do Rio Grande do Sul



O Centro de Tradição Gaúcha, que funciona como uma espécie de embaixada cultural e artística em Luís Eduardo Magalhães

que ia à frente, puxando a boiada nos pampas. Depois passou a designar liderança em um aspecto mais amplo. “Eu vim de Espumoso, no Rio Grande do Sul, há mais de 30 anos e há 18 encontrei o CTG de Luís Eduardo. No ano passado, participamos de oito rodeios aqui na região e ganhamos sete”, orgulha-se Gelson Fontana.

Nos anos 70, quando ainda não havia estradas, água encanada ou sinais de televisão, Gelson e muitos outros chegaram ao oeste baiano nutrindo sonhos de desenvolver o agronegócio como forma de ocupar o cerrado. Louros, brancos, negros ou orientais, nascidos gaúchos, catarinenses ou paranaenses, eles eram simplesmente sulistas, genericamente chamados de gaúchos.

Nativismo - Há dois tipos de provas que acontecem no CTG: as provas campeiras, como laço e gineteada (montaria em cavalos), e as artísticas, como danças tradicionais, declamação de poesias, entre outras. Junto com a vocação para a agricultura veio também a saudade, o churrasco, o chimarrão e a vontade de exercitar seu sentimento de nativismo gauchesco.

Um dos que sempre frequentam o Sinuelo dos Gerais é o agricultor gaúcho Abel Basso, 45 anos. “Cultuamos o que faziam os antepassados, avós e bisavós, que des-

bravaram o Rio Grande do Sul a casco de égua. Aqui eu me sinto no Rio Grande do Sul”, explica ele.

Os jovens do Sinuelo dos Gerais costumam competir no Festival Nacional de Arte e Tradição Gaúcha e no Festival de Arte e Tradição Gaúcha do Planalto Central, em Barreiras, Brasília ou onde quer que os eventos se desenvolvam. Há concursos para várias faixas etárias, desde o piá (guri) até o adulto, e nas mais diversas categorias: danças tradicionalistas, provas com cavalos e melhor dançarino de chula, que, ao contrário da Bahia, é um sapateado exclusivamente masculino, nada tendo a ver com a chula dos territórios do Recôncavo ou do Piemonte do Paraguaçu.

Nascida em Barreiras e filha de gaúchos, Thaline Saueressig, 18 anos, desde criança participa das atividades do Centro de Tradições, mas, como ela mesma diz, “sofremos bastante influência da cultura baiana, tanto na comida quanto nas músicas”, detalha. No Carnaval, todos acampam na fazenda de alguém e a farra continua. Para Thaiane Saueressig, 13 anos, “no CTG a gente se sente à vontade, em nossa casa”. A jovem conta que não perde uma reunião do grupo. “É tudo uma mistura, somos baiúchas”, finaliza. ■

Tradição das mulheres que



Juntas, as carpideiras iniciam o ritual de incelenças, que são rezas para encaminhar a alma ao céu

O cenário é de uma casa de reboco. O altar dos santos está iluminado. A chama treme ante a tímida brisa que invade o recinto e a borra desce, como uma lágrima de cera. Na caminha de madeira, no centro da pequena sala, um corpo jaz. A família, ao lado, se despede, cobre o corpo com um lençol da cor da paz. A noite cai no terreiro da fazenda e o sertão oculta no véu da noite seus mistérios. O mandacaru vigia a estrada de terra e o carro de boi colonial ainda geme, concorrendo com o ronco pos-sante dos automóveis.

A notícia de morte já correu. Contritas, as sertanejas sobem a rampinha da estrada, esculpida a golpes de enxada, em direção ao pátio da casa. “*Bença*, dona Maria”, dizem, religiosamente, cumprimentando baixinho a mais velha da casa. A tristeza é a única maquiagem a cobrir aqueles rostos carpideiros. Consigo, elas trazem nas mentes

e nos corações uma tradição rara, anterior aos tempos das caravelas: as ladainhas celestiais, conhecidas por incelenças (ou excelências, no dizer dos eruditos).

O canto, em uníssono, ecoa: *Pai Nosso, Ave Maria/ Nossa Senhora/ Tem a Nossa Guia/ Ave Maria Cheia de Graça/ Nossa Senhora tem a Nossa Graça*. Todos olham para dona Elísia Maria da Conceição, uma senhora de 71 anos, detentora de saberes e dizeres de bem-aventurança aos finados. É ela quem puxa as rezas. Vive bem ali, no vilarejo de Passagem de Areia no município de Caetité. Sua presença no velório de conhecidos (ou de conhecidos dos conhecidos) é sempre requisitada. “A incelença é rezada para a alma ter andamento, pra subir”, resume.

A morte, na vida de Elísia, apareceu na infância, cortando a inocência sem dó nem piedade. “A minha bisavó, quando

morreu, eu era pequena, 5 pra 6 anos”, relembra. “Eu estava vendo aquela senhora espichadinha na mesa e pensei: é uma festa, vamos cantar uma roda? Aí as outras meninas disseram: ‘bora!’, e lá fomos nós: ‘Tindolelê, Tindolalá / Arreda do caminho, deixa a jiboiá passar’. Minha mãe veio e disse: ‘queta, queta, menina’. E não é festa não, mãe? ‘Nada, sua avó morreu!’ Aí nós peguemos a chorar uaaaaaaaaa”.

Na sala, outra incelença se faz ouvida, no mesmo tom de uma ladainha, revelando as faces do catolicismo rural, ainda vicejante nas comunidades remotas desse Brasil afora. *Qué qui tem ó Emanuel / Que tanto choras por ele/ Manoel está na glória / Quem não quer estar com ele / Tem misericórdia, ai, senhor / Tem misericórdia de nós*. Apesar de ser uma tradição lembrada principalmente pelas mulheres, os homens também têm domínio das incelenças, como é o caso do senhor Francisco de Souza

cantam para “encomendar” as almas

Lima, 70 anos, que acompanhava a mãe desde criança e foi se acostumando a frequentar outros velórios e a levar a noite toda rezando. “Incelença em enterro de rico eu nunca vi. Era só em enterro de pobre”, finaliza Francisco. ■

A tradição das carpideiras é passada de geração em geração.

Abaixo, avós, filhas e netas compenetradas na oração

“A notícia de morte já correu. Contritas, as sertanejas sobem a rampinha da estrada, esculpida a golpes de enxada”



Novos baianos na cena musical

Banda O Quadro mistura estilos e propõe uma música orgânica original

São oito cabeças e oito mundos dentro de O Quadro, grupo de hip hop/dub formado em Ilhéus, em 1996. Só de vocalistas são três: Jef, Frisa e Rans Spectro 80. DJ Renêura opera os pratos das duas *pickups* e a “cozinha” está a cargo dos irmãos Ricardo Barreto, no baixo, e Victor Santana, na bateria. Rodrigo da Lua e sua pedaleira acionam a guitarra e Reinaldo Dieques tem a percussão nas mãos. Esta aí o “raio X” da banda.

O Quadro circula por fora do universo de Jorge Amado. Não faz questão de ser porta-voz do idílico e do paradisíaco. Embora suas vivências orbitem em torno da histórica região que o escritor verbalizou para o mundo, preferem denunciar o que não concordam. As apresentações são um sucesso. O show de Xique Xique, realizado através do Edital de Circulação da Fundação Cultural do Estado da Bahia, foi um marco. Até quem não gosta de rap, pula o muro da monotonia tranquilamente junto com O Quadro. O Som analógico vibra, acompanhado pelas manobras sonoras de Renêura.

“Musicalmente, estamos mais pra Fela Kutí; do que para Racionais MC, porque somos mais orgânicos, temos guitarra, baixo, percussão, bateria, afinal esses instrumentos não estão aí só para fazer figuração”, vocífera Jefferson Rodrigues, o Jef, 31 anos, formado em filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). E é a mais pura verdade. A lição de Fela, o papa da afrobeat, está presente: grubar enquanto o beat durar. Dos Racionais, os ilheenses pegam as vocalizações, marteladas em tom urbano.

Sucesso na cena musical, com aparições em programas de TV locais e na Revista Bravo, juntos com Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicletas, na matéria Novíssimos Baianos, o grupo já é referência no circuito estadual. Tudo começou em 1996, no Cierg - Centro Integrado de Educação Rômulo Galvão. Bastava chegar o recreio que os alunos Randolpho, Jefferson, Victor e Reinaldo se reuniam na sala da fanfarra com uma caneta na mão e várias ideias na cabeça. Em meados do mesmo ano, o Cierg fez uma Mostra de Valores Culturais cujo tema era educação. O evento sacudiu a cabeça da galera e, juntos, fizeram a primeira música, apresentando-se como Quadro Negro.



Rans é verdadeiramente um repórter, formado em rádio e TV pela Uesc, e explica o nome da banda: “Quando fizemos a letra sobre educação, tivemos a ideia de colocar o nome da banda Quadro Negro, que é justamente a comunicação que há entre o professor e o aluno”, relembra o vocalista.

Alguns shows depois e o nome passou a ser apenas O Quadro. Após o começo promissor, vieram três anos de “maresia”, até que, no final de 2000, os músicos sentiram-se amadurecidos e o retorno começou a surgir. O baterista Victor Santana, que já foi baixista, andou pelo reggae, escutou muito dub, James Brown, Sly and The Family Stone, dentre outros; foi para a Alemanha, se conectou com a galera do hip hop e montou as faixas instrumentais para O Quadro fazer as rimas. “Nunca se encontraram, mas vão estar na mesma faixa, tratando do mesmo assunto, uma ponte entre Brasil e Alemanha”, salienta.

“Há muita mistura na sonoridade e na cultura de Ilhéus, pelo fato de ser uma cidade portuária, muita gente circulando, muitas informações”, pontua Rans, que também abre o leque para mostrar uma banda com influências bastante díspares. Reinaldo Dieques tem como influência os blocos afro de Salvador,

como Olodum, Ilê Ayê e Muzenza. Da Lua, o guitarrista, curte a Soul Music, Curtis Mayfield. Jamiroquai. Frisa possui várias conexões com a cena baiana alternativa do reggae, forró e hip hop. Jef é de Banco Central, distrito de Ilhéus, e centra fogo nos estudos da africanidade presente no sul da Bahia. “A intenção é acordar amanhã e dominar o mundo. Fizemos uma turnê no ano passado, pelo Edital de Circulação, e o registro acabou virando um DVD”, adianta, “A próxima etapa é gravar o disco”, finaliza o vocalista. ■



Presença marcante dos instrumentos destaca o som da banda

À esquerda: No ensaio, os oito músicos mostram a combinação de diferentes estilos. Ao centro: No palco, a sintonia dos três vocalistas. À direita: Detalhe de Jef no vocal



A Bahia nos trilhos

Na quarta edição da revista Bahia de Todos os Cantos, o desafio foi percorrer os Territórios de Identidade, onde a nova Ferrovia Oeste-Leste será implantada. No caminho, descobertas sobre a cultura, a dinâmica e o desenvolvimento dos municípios dessas regiões.

Oeste Baiano, Sertão Produtivo e Litoral Sul apresentam-se como territórios díspares, em uma Bahia para lá de singular. Suas diferenças se apresentam das mais diversas formas: nos eixos econômicos (soja, minério, cacau, turismo e fruticultura); na diversidade cultural (“baiúchos”, descendentes indígenas e sertanejos).

São territórios que também se aproximam e se integram, através do desenvolvimento e da diversificada identidade baiana. Conheça esta Bahia plural e singular ao mesmo tempo, através das histórias, encontros e novidades.



A força da soja no Oeste Baiano, o desenvolvimento com o minério no Sertão Produtivo e as novas possibilidades para a região cacaueira no Litoral Sul



Oeste Baiano

Sertão Produtivo

Litoral Sul



Porto Sul



Ferrovia Oeste-Leste



Aeroporto Internacional de Ilhéus



Ferrovia apoia desenvolvimento no oeste da Bahia

Houve um tempo em que toda a área situada na margem esquerda do Velho Chico era simplesmente rotulada como “região do Além São Francisco” nas planilhas oficiais. Era quase um velho oeste, que tinha perdido o trem da história para os índios aricobés, primeiros habitantes dali. Hoje, definitivamente integrada ao desenvolvimento econômico do estado, a região aguarda com grande expectativa a construção da EF 334, conhecida como Ferrovia de Integração Oeste-Leste ou, de forma reduzida, Fiol. Todo o trajeto deverá estar pronto até o final de 2012, de acordo com os governos estadual e federal.

Vivendo dias de progresso por conta do agronegócio da soja, o Território do Oeste participa hoje com 14,7% do PIB agropecuário estadual, de acordo com dados da Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia (Seplan), principalmente devido à produção dos municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães e São Desidério. A cultura de grãos e a agricultura irrigada mudaram o modelo de produção agrícola, a partir dos anos 80,

propiciando o surgimento de uma agricultura comercial voltada aos mercados nacional e internacional. Hoje, o oeste baiano é o maior produtor de soja do Norte-Nordeste e o segundo maior produtor de algodão do país.

“A Ferrovia Oeste-Leste será um fator de integração regional efetiva que vai garantir a rapidez e a otimização dos investimentos, tornando o estado ainda mais competitivo”, observa o presidente da Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Walter Horita. Para ele, “a Bahia é um estado de proporções gigantescas e o oeste sofre muito pela distância; a ferrovia é mais um passo para a integração”.

A cidade de Luís Eduardo é um exemplo do progresso agrícola e da expectativa da chegada da ferrovia. O Centro Industrial do Cerrado (CIC) possui 3,1 milhões de metros quadrados totalmente ocupados por empresas multinacionais no ramo de moagem de grãos, fertilizantes, revendas de maquinário agrícola, avícola dentre outros. “Esperamos ansiosamente a construção da Ferrovia Oeste-Leste para que possamos escoar melhor toda a produção, com a diminuição dos custos com frete”, reforça o secretário de Desenvolvimento Econômico de Luís Eduardo Magalhães, Jaime Capelesso.

Integração - A proposta da construção da Fiol é fazer com que a Bahia seja integrada à malha Ferroviária Norte-Sul, promovendo também a ligação direta com Brasília, Goiás, Tocantins, sul do Piauí e as rotas marítimas do Oceano Atlântico. Ao todo, a estrada de ferro terá 1.490 km de extensão, sendo 1.100 km em território baiano.



A construção da ferrovia integra o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Os trilhos começam em Ilhéus, no sul da Bahia, e terminam em Figueirópolis, no Tocantins. O custo total das obras está estimado em R\$ 6 bilhões. O superintendente de Transportes da Secretaria de Infraestrutura do Estado da Bahia, Marcus Cavalcanti, observa que as obras começam entre maio e junho deste ano, partindo de Ilhéus em direção a Caetité.

Atualmente apenas 2% do transporte de mercadorias na Bahia é feito por ferrovia. Os caminhões e carretas ainda reinam, diminuindo a vida útil do asfalto das rodovias. Estima-se que o transporte ferroviário seja 35% mais barato que o transporte rodoviário. "Como a linha terá, em média, 100 vagões e cada vagão transporta o equivalente a duas carretas e meia, cada viagem de trem irá tirar 250 carretas da estrada na ida e mais 250 na volta", contabiliza Marcus Cavalcanti.

Etapas - De acordo com o presidente da Valec Engenharia, Construções e Ferrovias S.A., empresa do governo federal responsável pela construção da ferrovia, José Francisco das Neves, o projeto se dividirá em três etapas: a primeira delas vai de Ilhéus a Caetité, com 530 km. As obras serão iniciadas em maio deste ano, com previsão de finalização em julho de 2011. A segunda etapa vai de Caetité a Barreiras, com extensão de 413 km e previsão de finalização em julho de 2012. Em dezembro de 2012, termina a terceira e última etapa, que vai de Barreiras até Figueirópolis, no Tocantins, somando mais 547 km. ■



Oeste Baiano

14 municípios

Angical, Baianópolis, Barreiras, Buritirama, Catolândia, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia, São Desidério, Warderley.

População: 349.147

PIB 2007 (milhões): R\$ 4.325,03

O processo de colheita de grãos na cidade de Luís Eduardo Magalhães é um exemplo do progresso agrícola





Cada vez mais sustentável

Desenvolvimento sustentável é aquela ideia que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações. Foi pensando nisso que o governo do estado, através das Secretarias da Agricultura e do Meio Ambiente e com o apoio de entidades como a Associação dos Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), desenvolveu o Programa Oeste Sustentável, a fim de corrigir o passivo ambiental de um modelo de ocupação agressivo iniciado a partir dos anos 70 no cerrado baiano.

Lançado em outubro de 2009, o principal objetivo do Programa Oeste Sustentável, de acordo com o secretário de Agricultura e Reforma Agrária, Roberto Muniz, é “a recuperação ambiental, a adequação à legislação ambiental, instituindo a reserva legal e a recuperação da área de preservação permanente”.

Ecologia - O apelo ecológico também é o forte dessa nova medida, publicada no texto da Lei Estadual 11.478/2009. Natural de Açaí, no Paraná, o produtor de soja Danilo Kumagai, 52 anos, é um dos pioneiros que se mostram entusiasmados com o surgimento do Oeste Sustentável. Chegou ao oeste baiano em 1984 e hoje possui a fazenda Vale do Urso, com 3 mil hectares. Planta soja

do tipo transgênica e pratica irrigação com pivôs centrais, cerca de 20 torres móveis que se movimentam pela extensa planície.

“A preservação da natureza é muito importante, conciliamos a parte produtiva da fazenda com o cerrado”, explica Kumagai. “Nós, quando desmatamos, já tentamos fazer o máximo de preservação, deixando plantas como o maracujá do campo, o piquizeiro e a sapucaia. Temos colheita todo ano e preservamos as demais vegetações que não precisaram ser derrubadas.”

É sob as sombras da reserva legal que os trabalhadores da fazenda descansam quando saem das máquinas. “Aqui é proibido caçar, mesmo os tatus, que existem em grande quantidade”, comenta um deles. Além de soja, Kumagai planta milho, sorgo e café, empregando dez pessoas. “Aqui colho a soja com 125 dias de plantada, e nas safras maiores contratamos mais pessoas”, afirma o agricultor. A tecnologia é de última geração, com direcionamento via GPS, pulverizadores, colhedeiças e tratores com ar-condicionado.

O vice-presidente da Aiba, Sérgio Pitt, destaca que “o agronegócio é a grande vocação do oeste baiano e uma das

principais vocações econômicas do estado, gerando milhares de empregos, distribuindo renda para as classes mais pobres e menos qualificadas da sociedade, fomentando o desenvolvimento.” Este cenário, segundo ele, estava sendo ameaçado. “Com o Programa Oeste Sustentável assegura-se a sustentabilidade, não apenas ambiental, mas também social e econômica.”

Cadastramento - Já foram cadastradas, de acordo com dados da Secretaria de Agricultura, mais de 200 propriedades rurais, totalizando 195 mil hectares no Oeste Baiano. O território tem 31 municípios, mas o foco inicial aponta para sete deles: Barreiras, Riachão das Neves, Luís Eduardo Magalhães, São Desidério, Correntina, Jaborandi e Cocos. Juntas, essas cidades somam mais de 12 mil propriedades, sendo 2.168 em Barreiras e 3.958 em Correntina.

Danilo Kumagai mostra-se entusiasmado com o surgimento do Programa Oeste Sustentável



Joias do oeste

Lira Angicalense - Angical

Não é qualquer filarmônica no Brasil que possui dois filmes que relatam episódios da sua história. Uma das poucas, para não dizer a única, é a Lira Angicalense, fundada em 1917, e que já foi retratada pela cineasta francesa Micheline Bondi, em *Avante, Camaradas*, e por Póla Ribeiro, em *Memória de Angical*. Os dois filmes foram exibidos no Cine Brasília, em 2006, e contaram com a presença dos integrantes da própria filarmônica, convidada especial do evento. **Não deixe de conhecer a sede da Lira, na Praça da Bandeira, nº 4.** Em suas dependências, um acervo com centenas de músicas, a maioria composta pelo falecido maestro Mureco.



Associação Caliandra (Assentamento Rio de Ondas) – Luís Eduardo Magalhães

Para quem gosta de encontrar novidades, o destaque do território Oeste Baiano é a comunidade do Assentamento Rio de Ondas. Lá, o visitante pode encontrar as biojoias e fazer passeios pela área verde do cerrado. Para conhecer melhor o artesanato dos assentados, visite a Associação Caliandra, na Vila II. **Aberta de segunda a sábado, das 8h às 18h.**

Museu Municipal Napoleão de Matos Macêdo – Barreiras

O visitante que chega à cidade de Barreiras precisa conhecer o Museu Napoleão de Matos Macêdo, onde a história do oeste baiano está representada. Funerárias dos índios aricobés, acervos do coronel Abílio Wolney e do ex-governador Antônio Balbino, além de milhares de fotos e objetos, que remontam à então Vila de São João das Barreiras, podem ser apreciados. **O local está aberto às pesquisas escolares e funciona das 8h às 18h, de segunda a sábado.**





Minérios da Bahia para o mundo

O que atualmente se chama Sertão Produtivo, na crônica dos antigos viajantes era conhecido como Alto Sertão baiano, extensão de caatinga que ia de Vitória da Conquista ao Rio São Francisco, da Chapada Diamantina até as fronteiras de Minas Gerais. Terra de famílias aristocráticas, aventureiros, ciganos, índios, garimpeiros, escravos e inconfidentes em fuga do estado vizinho.

Distante do tempo das sinhas e dos coronéis, essa região, o Território Sertão Produtivo, situa-se no mapa econômico da Bahia como a zona de maior concentração de minérios do estado, a exemplo da exploração de urânio, ferro, magnetita, manganês e talco. Esse mercado gera milhares de empregos, diretos e indiretos, que nos próximos dois anos devem ser multiplicados com a implantação da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol).

Com a implantação da Fiol, a perspectiva do governo estadual é a dinamização das economias locais, o crescimento na arrecadação de impostos, o aumento da competitividade do agronegócio e a possibilidade de implantação

de outros polos agroindustriais. “A ferrovia também se configura como o melhor sistema tecnológico em termos de respeito à natureza”, salienta o superintendente de Políticas para a Sustentabilidade da Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia, Eduardo Mattedi.

Empregos – No território, a Fiol se volta principalmente para as frutas e os minérios, como explica o assessor especial da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (Seplan), Alberto Valença. “Espera-se que a ferrovia transporte uma quantidade de 20 milhões de toneladas de minério de ferro ao ano. Isto é muito mais que todo o movimento de ferrovias da região Nordeste do Brasil. Um salto para um novo patamar”. De acordo com José Francisco das Neves, que é presidente da Valec Engenharia, Construções e Ferrovias S.A., empresa do governo federal responsável pela construção da ferrovia, a Fiol terá características modernas, a exemplo das bitolas largas. Além disso, completa “vai gerar 30 mil empregos diretos, formando um corredor de transporte que otimizará a operação do Porto Sul, na Ponta da Tulha, no norte de Ilhéus, e ainda abrirá alternativas logísticas para os portos no norte do país, atendidos pela Ferrovia Norte-Sul e Estrada de Ferro Carajás”.

Segundo o assessor da Seplan, o conceito moderno aplicado a ferrovias afirma que elas obedecem à lógica de uma esteira de transporte, ou seja, ligam o ponto de produção ao de escoamento, se possível, sem paradas. A expectativa é de que seja um transporte rápido, seguro e que suporte grande volume, reverberando na economia de todo o estado.



Mineração: geração de emprego e renda

No setor de mineração, uma das mais beneficiadas com a construção da Fiol é a empresa Bahia Mineração (Bamin), cuja jazida de ferro, recentemente descoberta, situa-se a 8 km de Brejinho das Ametistas, distrito de Caetité. De acordo com dados da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (Seplan), a reserva de minério de Caetité tem volume estimado entre 4 e 6 bilhões de toneladas, com teor de ferro da ordem de 70%.

“Hoje a ferrovia é fundamental para o projeto da mineradora, porque o ferro só se justifica em grande quantidade se houver uma logística razoável, tanto em termos de operação quanto de custo. Produziremos 18 milhões de toneladas por ano”, quantifica o vice-presidente da Bamin, Clóvis Torres. Do ponto de vista da geração de empregos, quando a Fiol estiver em operação, a Bamin estima empregar 1.800 pessoas, sendo 1.300 em Caetité e 500 em Ilhéus e Malhada.

Urânio fora das estradas

A missão da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), órgão da ONU, concluiu no início de fevereiro deste ano que as atividades da mina de urânio das Indústrias Nucleares do Brasil, em Caetité, atendem a todos os requisitos de segurança e não provocam nenhum impacto significativo ao meio ambiente da região. Um passo importante para melhorar ainda mais a segurança da população será dado com a construção da Fiol, pois a tendência é a de que as 400 toneladas anuais que saem da Bahia para outros países cheguem ao porto de trem, evitando que milhares de carros cruzem com a carga na estrada. ■



Sertão Produtivo

20 municípios

Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada das Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Urandi.

População total: 441.282

PIB 2007 (milhões): R\$ 1.840,28

O território Sertão Produtivo apresenta uma das mais ricas jazidas minerais do Brasil





Fruticultura irrigada: receita de desenvolvimento

O agricultor Geraldo Gonçalves dos Santos, 39 anos, durante muito tempo foi integrante do Movimento dos Sem-Terra. Um dia, juntamente com seu grupo, ocupou um lote de terra improdutivo em Barrinha, nas cercanias de Livramento de Nossa Senhora. Foram mais três anos dormindo em barracas, com a esposa, dona Sara, e os filhos Jussara, 13 anos, e Jucemar, 12 anos, até que, através de um projeto do governo federal, ganhou um sonhado lote de 2,5 hectares. Hoje ele cultiva manga, banana caturra, aipim, mamão e laranja.

A família Gonçalves dos Santos é uma das 4.500 que tornam Livramento e sua vizinha, Dom Basílio, polos da fruticultura baiana e que aguardam ansiosos a chegada da Ferrovia de Integração Oeste-Leste para facilitar o escoamento da produção. De acordo com dados da Associação do Distrito de Irrigação do Brumado (Adib), hoje as duas cidades cultivam cerca de 16 mil hectares de manga e 5 mil hectares de maracujá.

Essas lavouras empregam aproximadamente 10 mil pessoas, de acordo com dados da Secretaria de Agricultura, Comércio, Indústria e Meio Ambiente do município de Livramento. É mesmo impressionante ver os plantios de man-

ga, em série, espalhados nas planícies áridas, como hortas gigantes. Nos últimos anos, o maracujá vem revelando-se um novo vetor de desenvolvimento para o território, já sendo considerada uma fruta milagreira por frutificar bem no sequeiro.

As condições climáticas favoráveis e o bom desempenho do maracujá no mercado são os fatores que estão estimulando a expansão dos maracujais. Os amarelinhos não esquentam lugar, nem gaveta, nos inúmeros galpões que se espalham por Livramento. A “estrela”, contudo, continua sendo a manga. “A mangicultura tem mais de 26 anos, porém nos últimos seis a área plantada foi ampliada significativamente, tendo em vista a organização de produtores e empresários que apostaram no conhecimento e na adoção de tecnologias avançadas”, explica o secretário de Agricultura, Comércio, Indústria e Meio Ambiente de Livramento, Antônio Fernando Assis.

Mas se o território hoje é destaque na fruticultura, isto se deve ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), que em 1989 fez um estudo para a construção de uma barragem no território. Além do potencial hídrico, os dados revelaram também

que havia condições de se fazer um plantio de irrigação por aspersão, com custo zero de energia elétrica. Surgiu, então, o Perímetro Irrigado do Brumado, que hoje soma 3.400 hectares irrigados, dos quais 2.390 estão ocupados com mangas.

Expansão—De acordo com informações da Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária (Seagri) do Estado da Bahia, Livramento é o segundo polo de produção de frutas do estado. A expectativa da prefeitura de Livramento é que uma nova área de 6 mil hectares seja plantada este ano e amplie a variedade de frutas no mercado. Informações do município estimam que mais de 4 mil famílias estão envolvidas nesta nova safra e que a produtividade média deve alcançar 30 kg/ hectare. Contabilizando todas as culturas, a produção chegará a mais de 90 mil toneladas ao ano, com receita superior a R\$ 60 milhões, gerando aproximadamente 15 mil empregos diretos em Livramento, cerca de 5 mil a mais do que a média dos anos anteriores.

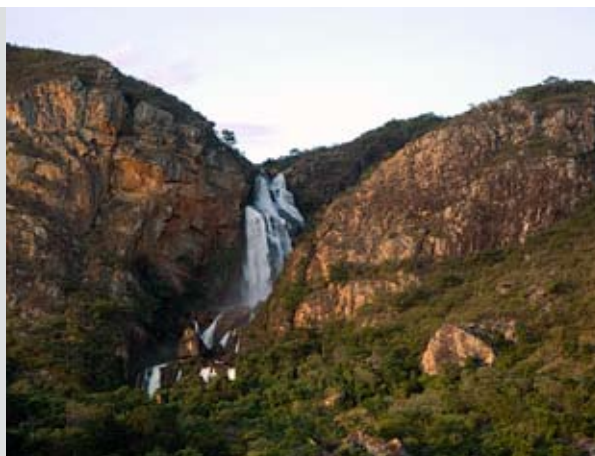
Famílias como a de Geraldo Gonçalves dos Santos são beneficiadas com a produção irrigada



Um passeio pelo sertão

Cachoeira Véu de Noiva - Livramento

Uma das mais belas paisagens do Sertão Produtivo está na Cachoeira Véu de Noiva, que vem despontando em queda a partir da Serra das Almas. Fica a 3 km do centro de Livramento (sentido Rio de Contas), com acesso por uma boa pista asfaltada. Quem quiser, pode ir de carro, mas o passeio no pôr-do-sol, a pé, é um espetáculo à parte. **Visitação pública e gratuita.**



Casa Anísio Teixeira

Somente o fato de Anísio Teixeira (1900-1971) ter instituído métodos educacionais que privilegiavam o raciocínio em detrimento de práticas “decóreas” no ensino brasileiro já lhe valeria um memorial. Mas a Casa Anísio Teixeira, situada na Praça da Catedral, 57, em sua natal Caetité, é mais que isso. Administrado pela Fundação Anísio Teixeira, o espaço, além de dispor de vasto material sobre o revolucionário educador brasileiro, conta com oficinas de arte-educação, biblioteca pública, biblioteca móvel, cinema, encontros literários, cine-teatro, núcleo de contação de histórias e sala de inclusão digital.

Visitas de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h.

Arquivo Público Municipal de Caetité

Quem quiser conhecer a história de Caetité, assim como de quase todos os municípios do Território Sertão Produtivo, tem que procurar o Arquivo Público Municipal de Caetité, situado no prédio da antiga Casa da Câmara e Cadeia, na Praça Dr. Deocleciano Teixeira, 52. São documentos do tempo da monarquia, desde a ata da fundação de Caetité, passando por fotos datadas do início do século e autos judiciais, dentre outros.

O Arquivo funciona de segunda a sexta, das 8 às 18 horas, em prédio tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). Está integrado à Rede Estadual de Arquivos Públicos, sob a coordenação da Fundação Pedro Calmon, e conta também com acervos particulares.





Complexo Logístico Porto Sul: passos largos para o futuro

O empresário do setor de mineração e administrador Pedro Daltro, 64 anos, sempre encontrou dificuldades para transportar o granito azul extraído da cidade de Santa Cruz da Vitória e o mármore vindo de Vitória da Conquista, Anagé e Boquira até o porto de Ilhéus. A logística complexa eleva o custo do frete e é um dos obstáculos ao desenvolvimento, mas surge uma alternativa competitiva e eficiente para escoamento da produção.

Após anos operando desta forma, Daltro vislumbra agora a melhora no seu processo produtivo e de escoamento com a criação do Complexo Logístico Porto Sul, uma Zona de Apoio Logístico (ZAL), uma Zona de Processamento de Exportação (ZPE), além da Ferrovia Oeste-Leste, que une Ilhéus a Figueirópolis, no estado do Tocantins. A expectativa governamental é de que o eixo Ilhéus-Itabuna, em menos de duas décadas, se transforme em uma segunda região metropolitana, a partir desse novo complexo logístico, industrial e produtivo.

A ZPE, popularmente conhecida com Zona Franca de Ilhéus, deverá ter papel destacado neste processo, sendo uma espécie de distrito industrial voltado para vendas ao exterior. Funcionará no km 10 da Rodovia Ilhéus – Uruçuca. Otimista, Daltro anuncia: “Vou instalar duas plantas na ZPE – uma para processamento de granito e mármore (desde o corte até o polimento) e outra de aglomerado, que processará quartzito esmagado, gerando 100 empregos diretos.”

O empreendimento deve gerar um vetor de desenvolvimento que irá atingir importantes cidades da região, como Itacaré, Uruçuca, Itajuípe, Ipiaú, Coaraci, Buerarema e São José da Vitória. A ZPE será administrada por duas empresas: a Plena, sediada na Bahia, e a GPZ, com sede no Rio de Janeiro. No Brasil existem 19 ZPE, e somente uma no Nordeste, a de Ilhéus. Todas elas são beneficiadas com a redução ou isenção de alguns tributos. A condição para que as empresas se instalem é que exportarem, pelo menos, 80% da sua produção, podendo ser vendida, no máximo, 20% para o mercado brasileiro.

Ferrovia, Porto Sul e aeroporto – Outro projeto que adensa o Complexo Logístico Porto Sul é a Ferrovia da Integração Oeste-Leste (Fiol). Com uma linha férrea interligando o Porto Sul, a ser construído na Ponta de Tulha, ao norte de Ilhéus, até o Brasil Central, espera-se a redução de custos do transporte de insumos e produtos diversos, o aumento da competitividade dos produtos do agronegócio e a possibilidade de implantação de novos polos agroindustriais e de exploração de minérios, aproveitando sua conexão com a malha ferroviária nacional.



Quanto à construção do Porto Sul, o secretário extraordinário da Indústria Naval e Portuária, Roberto Benjamin, explica que será “formado por dois terminais, um administrado pela Bahia Mineração (Bamin), que explorará um Terminal de Uso Privativo (TUC), e outro terminal de uso público. Por este porto não será escoado apenas o minério de outras mineradoras, mas também a volumosa produção de grãos do oeste baiano e de frutas do sertão”.

A ideia dos governos federal e estadual, explica o superintendente de Políticas para Sustentabilidade da Secretaria de Meio Ambiente, Eduardo Mattedi, é a de que estes impactos sejam reduzidos ao máximo. “Estamos qualificando os projetos para que tenham qualidade em termos ambientais e queremos mitigar os projetos que tenham impactos ambientais com soluções tecnológicas. O território Litoral Sul tem uma fauna muito diversa, recordista de espécies.”

Mais um projeto que integra o Complexo Logístico Porto Sul é o novo Aeroporto Internacional de Ilhéus, que será construído no km 14 da BA-001 (Estrada Ilhéus-Itacaré), de acordo com dados da Secretaria Estadual de Infraestrutura (Seinfra). Estudos realizados há 20 anos apontam que um dos principais gargalos para o desenvolvimento econômico de Ilhéus é representado pelo setor aeroportuário, especificamente pelo Aeroporto Jorge Amado. De acordo com o secretário de Desenvolvimento Econômico de Ilhéus, Alfredo Landim, “um novo aeroporto faz-se cada vez mais necessário junto ao setor turístico e logístico, já que o atual só comporta operações comerciais de aeronaves 737 e não tem vôos noturnos.” ■



Litoral Sul

27 municípios:

Almadina, Arataca, Aurelino Leal, Barro Preto, Buerarema, Camacã, Canavieiras, Coaraci, Floresta Azul, Itapitanga, Ibica-raí, Ibirapitanga, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Itaju do Colônia, Itajuípe, Itapé, Jussari, Maraú, Mascote, Pau Brasil, Santa Luzia, Ubaitaba, Una, Uruçuca.

População: 845.192

PIB 2007 (milhões): R\$ 4.877,95

À direita, Alfredo Landim; no centro, foto do litoral que irá receber o complexo aeroportuário; e, abaixo, estátua de Jorge Amado ícone regional





Cacau fino e seringueira: lavra boa

“Cacau é boa lavra/ Eu vou colher / Na volta do verão/ Eu vou vender”. Os tempos parecem saudosos, as cantigas também, principalmente para quem viveu o fausto da cacaucultura, o fruto de ouro que avalizou fortunas e encheu páginas de romances pelo mundo afora, nas narrativas de Jorge Amado e Adonias Filho. Deixemos, contudo, o passado para quem viveu o cultivo do *Theobroma cacao*, o chamado fruto dos deuses, trazido para a Fazenda Cubículo, em Canavieiras, no ano de 1746.

A cacaucultura tem, hoje, status de lavoura sobrevivente, que dá sinais de soerguimento em plena vigência da vassoura-de-bruxa, chegada em 1989, em Uruçuca. Um dos sinais de luz no fim do túnel vem justamente de Uruçuca, na Fazenda São Pedro, onde o agricultor João Dias Tavares Bisneto, quarta geração de uma família de cacaucultores, prova que perseverança também é a arma do negócio. Após amargar perdas financeiras, seu horizonte alargou-se com a produção do chamado cacau fino, que custa R\$ 200 a arroba de 15 kg, enquanto o normal custa R\$ 90, em média.

Contrariando regras de mercado e fugindo dos monopólios, Tavares procurou seu próprio mercado e encontrou na cidade de Pomerodi, em Santa Catarina, onde a chocolateria Nugali aprovou seu

produto. “O mercado de chocolate com alto teor de cacau cresce 35% ao ano e requer um cacau de melhor qualidade. Houve mudança no conceito do chocolate, que antes era tido como guloseima e hoje é funcional, com alto teor de etocianina, radicais livres e flavonoides”, explica Tavares.

O cacau fino, entretanto, tem suas peculiaridades, desde a seleção, fermentação, secagem adequada e armazenamento. Os tipos de cacaueiros escolhidos foram os Scavinas 6 e 12 e os Trinitários, colhidos em igual estágio de maturação, sem ter a casca rompida para que não haja processo de fermentação, prenúncio de sabores indesejáveis nas sementes. Após retirar as amêndoas da fruta, mais uma seleção: sementes germinadas, pequenas demais ou bichadas são retiradas e só as perfeitas são acondicionadas em cochos de madeira arredondados e fechadas, para evitar a quebra das amêndoas e obter uma fermentação mais controlada.

Antes de mandar para a fábrica, os lotes são numerados, etiquetados e ensacados, primeiramente em plástico e depois em saco de nylon trançado. “Nós desenvolvemos notas de sabor nas sementes durante a fermentação e secagem. Os sabores são frutados, amendoados, de madeira ou tabaco; é a partir daí que o produtor consegue

atingir o estágio de cacau fino”, resume João Tavares.

Seringueira - Durante muitas décadas os cacaucultores foram orientados a sombrear suas propriedades com uma espécie chamada eritrina, que não dava frutos nem servia para o corte de madeira, além de não ser natural da zona cacaueira. Após a crise instaurada pela vassoura-de-bruxa, os estudos da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac) avançaram no sentido de pesquisar outras alternativas econômicas, e uma das que têm se destacado é a seringa.

A seringueira vem sendo pesquisada há muito tempo no sul da Bahia, coexistindo em plantios solteiros ou de monocultura, ocupando as faixas litorâneas, mais externas do terreno, enquanto o cacau fica com as faixas internas, de solos quimicamente mais ricos. Integrante do Centro de Pesquisas da Ceplac, o agrônomo Raimundo Bonadie explica as vantagens da seringueira como modelo agroflorestal: “a adequação é perfeita ao sistema de agricultura familiar, porque usa mão-de-obra da família, o que representa 80% do custo. O restante, 20%, é o custo com insumos, uma economia significativa”.

João Tavares explica o processo do cacau fino



Cultura e natureza para todos os gostos

Lagoa Encantada

Sobre a Lagoa Encantada, o nome já diz tudo. Um imenso lago com 6 km de extensão, onde numerosas aves e exuberante trecho de mata atlântica emolduram um verdadeiro paraíso terrestre, incluindo cachoeiras nas proximidades. **Para chegar lá, toma-se a BA-001 (saíndo de Ilhéus) e 16 km depois, na altura do condomínio Joia do Atlântico, pega-se uma estrada de chão.** Após percorrer 12 km, chega-se ao povoado de Laranjeiras. O passeio de barco ao redor das ilhas fluviais é obrigatório.



Centro de Cultura Adonias Filho

Única casa de espetáculos de Itabuna, o Centro de Cultura Adonias Filho **funciona diariamente das 8 às 22 horas**, sendo o respiradouro da cultura local. Situado na Praça José de Almeida Alcântara s/n (Jardim do Ó), o espaço apresenta também alternativa para quem não pode pagar cinema: **toda segunda-feira, às 19h (para adultos) e às quintas, às 10h e 15h (para crianças)**, no Projeto Circuito Popular de Cinema e Vídeo, da Fundação Cultural do Estado da Bahia. **O filme é gratuito.** Além disso, há oficinas de arte-educação e exposições de artes visuais. Contato: **73 3211 6429.**

Casa de Jorge Amado

Para quem quer conhecer um pouco mais a identidade grapiúna, uma visita à Casa de Jorge Amado é fundamental. Lá estão, à disposição dos visitantes, os 33 livros do autor, além de um acervo com outros expoentes literários da região: Adonias Filho, Telmo Padilha, Ildásio Tavares, Sosígenes Costa, dentre outros. Além disso, o casarão, construído entre 1920 e 1926, ostenta em seu interior mobiliário de época e outros objetos.

Centro de Ilhéus - Rua Jorge Amado, diariamente das 9h às 12h e das 14h às 18h. Entre março e outubro, aos domingos, abrirá das 9h às 13h. Contato: 73 3634 8986.



Anarriê! Lá vem Mucambo, o quilombo junino

Imaginem um concurso junino que movimenta toda uma vila, envolvendo muita disputa, segredos trancados a sete chaves, passos de dança ensaiados a portas fechadas e costureiras que são terminantemente proibidas de dar qualquer informação sobre as roupas. Em Mucambo, distrito quilombola situado a 17 km de Barreiras, a “pisada” é essa quando se aproxima o tradicional concurso de quadrilhas de São João.

A vila é pequena, cerca de 300 famílias, mas a paixão pelo São João é grande. Lá existem duas quadrilhas: Paixão Nordestina e Renascer Show, que, unidas, juntam mais de 100 jovens na hora do arrasta-pé. O negócio das quadrilhas é tão sério que existe até uma entidade para representá-las junto aos poderes públicos, a União das Quadrilhas do Oeste Baiano (Uniqjob). A curiosidade é que as quadrilhas, por lá, se apresentam o ano todo, inclusive no Carnaval.

“As quadrilhas levantam a autoestima dos jovens aqui na comunidade”, explica o diretor da Paixão Nordestina, Paulo Fernando Cardoso, 36 anos. “Temos o concurso de rainha do arraial e os próprios pais ficam perguntando quando começam os ensaios”, conta Paulo. Com isso, avalia, a quadrilha é o método mais eficaz de promover a cidadania do quilombo.

Quem se empolgou com a explosão das quadrilhas foi a professora Luziane dos Santos, 27 anos. “Faz um ano



Garotas da cidade depois da prova de figurino, momentos antes da apresentação de quadrilhas em Mucambo



que participo da quadrilha em Mocambo, é um orgulho participar desta família. Fui vendo toda a comunidade se movimentando e vim”, conta, lembrando ainda que “com amor tudo fica mais fácil, e ganhamos o troféu de segundo lugar, até hoje não acredito”, orgulha-se. De acordo com o presidente da Uniqjob, Messias Tavares, a região é marcada pela presença de 60 quadrilhas juninas.

Competição - Atualmente a quadrilha junina Paixão Nordestina, com 20 anos de atividades, personifica o orgulho mocambense, pois sagrou-se vice-campeã do concurso das quadrilhas do território do Oeste, disputando com mais 20 quadrilhas em Barreiras. Na hora do concurso o negócio é sério: cada quadrilha tem um fiscal para olhar os jurados e se estes cometerem qualquer deslize está armado o rebuliço, podendo até haver anulação do concurso.

A campeã de todas as quadrilhas do Oeste é Remeleixo Cearense, formada há 35 anos por imigrantes cearenses e agora por seus filhos, nascidos em Barreiras. Bem estruturada, foi um das principais divulgadoras e incentivadoras do *know how* junino no Oeste. A maioria dos seus componentes vive na Vila dos Funcionários, em Barreiras, e foi trazida até ali pelo 4º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército para trabalhar na abertura de estradas e rodagens.

Boi Jaú: a tradição nas ruas de Angical

Em poucas palavras, para quem cai de paraquedas no folguedo do Boi Jaú, em Angical, é como se o próprio Carnaval lhe arrastasse com uma orquestra de metais em brasa tocando frevos, marchinhas, sambas e o que vier. Exceto aos domingos, todos os outros dias de janeiro são assim: milhares de pessoas, a maioria crianças, invadindo a noite atrás da charanga do boi, tomando carreiras homéricas do vaqueiro, indo até a zona rural sem medo da noite. Não tem *reality show* certo pra desbancar o Boi Jaú em Angical.

A orquestra é formada por músicos que participavam da Filarmônica Filhos do Oeste. Músicas como Balancê, Maria Sapatão, Vassourinha e tantas outras ganham arranjos orquestrais e a cidade para todas as noites na passagem do boi. As senhoras põem as cadeiras nas calçadas e os mais velhos relembram folias de outrora.

Apesar de ser uma tradição desde os tempos dos Reisdos, o Boi Jaú é coordenado pelo jovem Lenon Camilo Ramos de Oliveira, 20 anos. Desde 2003 ele leva adiante o projeto iniciado por seu pai, o falecido Édio, músico e carnavalesco popular da cidade. “O boi, no tempo de meu pai, sambava mais do que corria. Quando eu tinha dois anos eu já saía no boi, minha mãe me conta que já me botavam na garupa da mulinha”, relembra Lenon.

Herlan Lucas é quem cuida das visitas da comissão do boi. “A gente só vai às casas que as pessoas autorizam”, explica ele. “Eu vou pelas ruas, perguntando de casa em casa se o boi pode visitar; quem quer, assina, faz uma doação. Eu passo na rua e o povo já sai me gritando”, conta. Na concentração, Maurício, Iago Raimundo e outros



À direita e acima: a população participa diretamente da brincadeira



A representação do Boi Jaú que movimenta Angical dia e noite, acompanhada, pela orquestra municipal

vão sabendo quais serão as casas da noite, geralmente cinco ou seis, e executam as escalas em seus instrumentos enquanto ensaiam.

No dia da morte do boi, Angical vive em função disso. A rádio, de hora em hora, martela: “Não percam, hoje à noite, a morte do boi, a partir das 20 horas”. Ânimo total no ápice da festa. A tarde cai, a noite chega e o boi cumpre seu ritual. Sai visitando as casas, recitando trovas de boa-noite. Os músicos se posicionam e a roda abre. De repente, o auto segue: o boi entra na roda, a mulinha também. O vaqueiro entra para separar os dois. Tem sede de sangue, pois sua missão é vingar a menininha que o boi teria ferido no início da trama.

A briga começa. O boi vai para um lado – o fim está próximo. O vaqueiro vai para o outro, mas deixa o braço, que vai direto no órgão vital. Sax, trombone, trompete, tambor e caixa marcam a pisada e Maurício, o vaqueiro sai correndo atrás da meninada pra melar todo mundo com suco. Quando tudo parece que vai ter um fim triste, o boi levanta, ressuscita e um samba encerra a noite de 31 de janeiro, com o refrão: Deus lhe pague a sua esmola. Agora é só aguardar o churrasco, que tradicionalmente acontece no povoado de Santa Cruz, com o dinheiro arrecadado.



Vai-de-Virá, o xodó cultural de Guanambi



Wilson Abrantes: em defesa do samba-de-roda que é patrimônio imaterial de Guanambi

Ainda hoje, em Guanambi, há uma comunidade chamada Tábua Grande, situada a 6 km da zona urbana, que resguarda a tradição do “Vai-de-Virá”, verdadeiro patrimônio imaterial. No dia que tem Vai-de-Virá, seja na cidade, seja na roça, os chamados correm céleres nas caatingas, pegam gente com enxada na mão, lavando roupa nos tanques ou dando de comer aos meninos

“Na verdade é um samba-de-roda tradicional da região e o pessoal sempre vai pra cidade quando a gente convida, e a gente gostaria muito que a tradição não acabasse. Não tem outro samba-de-roda que identifique a Tábua Grande”, explica a integrante Gildete Nascimento. Quando o círculo se forma é fogo, pura pimenta no azeite. A pancada dos tambores e pandeiros é hipnótica, o pé mexe sozinho. As letras falam de coisas do mundo rural, colheitas de frutas, bichos como o teiú, o laçar dos cabritos...

O mestre da cultura popular, Wilson Abrantes é quem assume o tambor, herdado do tio. Joventino Algodão rege o pandeiro. Entre um fôlego e outro, ele resume: “Quando nasceu, eu não sei, não, mas desde menino que eu acompanho o povo, com minha mãe, vó, tio... estamos aí”. Lourivaldo é caboclo sambador, enraizado mesmo. Quando entra na roda, a poeira sobe, o suor desce. “Pra mim, isso aí foi deixado por nosso Pai do Céu. O Vai-de-Virá é lindo, o coração treme, é a mesma coisa que ver o Brasil campeão da Copa.”



Musicalidade e muito ritmo no Vai-de-Virá. Abaixo, um flagrante da dança, que é passada de pai pra filho

Se a tradição da dança ultrapassou as fronteiras do seu território nativo, deve-se ressaltar a importância da Fundação Joaquim Dias Guimarães, criada em 1994 por um grupo capitaneado pelo escritor Elísio Cardoso Guimarães, dono de rico acervo sobre a história guanambiense.

Atualmente a fundação é presidida pela aposentada Nice Guimarães Baleeiro. “Os donos das fazendas dançavam nos salões; como os escravos não podiam entrar, eles dançavam nas senzalas e no terreiro da fazenda. É uma dança que parece também com o ‘Vira’, de Portugal, tocavam com lata de querosene, caixas rústicas. Não tem em lugar nenhum, só em Guanambi e, talvez, em Matina; dizem que lá também tem”, ressalta Nice.



Décadas de teatro no sul da Bahia



Grupo Vozes encena Berro D'Água no Centro de Cultura Adonias Filho

Um grupo de teatro formado por alunos de um tradicional colégio católico de Itabuna ensaiava um novo roteiro: SOS Terra, de tinturas ecológicas. A professora Leninha Pita dirigia o grupo. Corria o ano de 1987 e o Grupo Vozes ensaiava sofregamente no auditório da escola. Alguns dos alunos, entretanto, descobriram uma passagem secreta que dava acesso à cantina. A “inteligência estomacal” falou mais alto e, sorrateiramente, eles afanaram guloseimas, violando o VII Mandamento da Lei de Deus.

O castigo das freiras foi implacável: SOS Terra está cancelado! A mãe de uma das alunas, a advogada, professora e estudiosa das mitologias grega e africana, Iara Lima, entrou em ação. “A peça já estava marcada, eu tinha ajudado a fazer tudo, figurino, trilha sonora. Quando a escola cortou a peça, a meninada ficou frustrada, então eu consegui aqui, no Centro de Cultura Adonias Filho, a pauta. Eram quase 40 atores”, relembra, com bom humor, aquela que é conhecida como a matriarca do teatro itabunense.

“O grupo surgiu com a ideia da diversidade. Houve uma discussão coletiva dos alunos e seguimos em frente”, pontua Sílvia Smith, 36 anos, hoje atriz e arte-educadora. Um dos primeiros a ser “visgados” (de jaca, mesmo) foi o ator Lucas Oliveira, 46 anos. “Vi esse grupo nascer quando ainda eram estudantes secundaristas, me aglutinei e comecei a me viciar nessa arte de retratar as emoções que ‘visgou’ um monte de gente”, resume. Um dos primeiros trabalhos do ator foi o Bêbado, numa adaptação de O Pequeno Príncipe.

No estilo Saltimbancos, não há divisões rígidas de tarefa: todos discutem e trabalham nos cenários, costuram figurinos, colam cartazes, procuram a imprensa, ajudam na adaptação dos textos e, muitas vezes, continuam reféns da miopia dos que não enxergam a arte cênica como atividade digna de patrocínio. “Precisamos de um patrocínio, ou parceria, para que possamos proteger um acervo de milhares de peças de figurino que guardamos nesses 20 anos”, relata Sílvia.

A atual atividade do grupo é a encenação de Berro D'Água, com direção de Jorge Batista e adaptação para linguagem cordelística, feita por Ulisses Prudente, do romance A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água, de Jorge Amado. Em maio, a peça será encenada no Festival de Teatro de Ipitanga, em Lauro de Freitas. Outra pauta agendada para este ano é o Festival de Humor e Performance, no Pelourinho, em Salvador.

Nessa trajetória de 23 anos, o grupo soma cerca de 30 trabalhos em seu currículo, dentre os quais *A Marca da Mão e a Força do Não*, que retrata a via sacra do trabalhador grapiúna, e *Alvorada Grapiúna*, um enredo dos desbravadores do sul da Bahia até os dias atuais, além de *Salomé*, *Orelha de Obá*, *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes, e *Eleição*.

Sílvia Smith: 23 anos de atuação no teatro baiano e a luta por patrocínios



A história de Avante, Camaradas

Mureco nasceu em 16 de julho de 1897 e faleceu em 1995, aos 97 anos. Ele se chamava Durvalmerindo Bandeira Coité, inclusive a Praça da Bandeira aqui em Angical tem o nome dele. Foi prefeito seis vezes do município de Angical. Aos 22 anos, fundou a Lira Angicalense, que até hoje está viva. Os primeiros instrumentos da Filarmônica vieram da França, comprados pelo pai de Mureco e ainda hoje muitos deles funcionam.

A história da música Avante, Camaradas, que hoje é tocada pelo Exército Nacional, foi escrita em homenagem à Coluna Prestes. Antonino do Espírito Santo, na época músico em Barreiras, distrito que pertencia a Angical, fez a letra, mas foi Mureco quem botou a música.

O engano é que a Coluna Prestes deveria passar por Angical, mas quem chegou foi o Exército. E fazer o quê? A música foi apresentada ao Exército e tempos depois eles souberam da verdadeira inspiração, por isso Mureco fugiu. O coronel Abílio Wolney, que era de Goiás, ainda deu tiros no navio que o levou. O Exército retornou depois e tomou muitas armas do coronel Joaquim Teotônio, do coronel Antônio Coité e outros.

A Lira Angicalense tocou na inauguração de Brasília. Juscelino mandou buscar a filarmônica. O pessoal foi daqui até Barreiras e de lá tomou o avião e foi. No memorial está Filarmônica de Barreiras, mas foi a Lira de Angical que tocou.

Há também uma outra história que diz que diz que Mureco e Antonino trocaram os dobrados. Antonino fez o 3 de Maio, que homenageia a data de emancipação de Barreiras, e Mureco fez o Avante, Camaradas, e eles dois trocaram, deram de presente um para o outro, cada uma das músicas. Quem recebeu o presente ficou como autor da música.

Avante, Camaradas

Autor: Antonino do Espírito Santo

Avante camaradas,
Ao tremular do nosso pendão,
Vençamos as invernadas
Com fé suprema no coração
Avante, sem receio
Que em todos nós a Pátria confia,
Marcharemos com alegria, avante!
Marcharemos sem receio.

Aqui não há quem nos detenha
E nem quem turbe a nossa galhardia
Quem nobre missão desempenha
Temer não pode a tirania, a tirania

E nunca seremos vencidos
Por que marchamos sob a luz da crença!
Marchemos sempre convencidos
Não há denodo que nos vença!

Avante camaradas,...



Neto Coité, atual regente e trombonista da Lira Angicalense, e Décio Coité, respectivamente neto e filho de Mureco.



O pedido de socorro de Leocádia

Leocádia era uma pessoa de uma família pobre, veio de Juazeiro aos 16 anos e passou a morar aqui no distrito, que se chamava Beija Flor. Ela veio à procura de um trabalho e ficou na casa de uma tia. Os homens trabalhavam com enxada e picareta e as mulheres levavam a terra em bacias e gamelas. José Pedro, irmão de Joaquim Dias Guimarães, grande fazendeiro da região, viu Leocádia, bonita e maltrapilha. Ele a chamou e ofereceu um corte de três metros de pano. Quando ela foi pegar, foi vista pelo caseiro e pelo vaqueiro do delegado. Eles passaram a conversa adiante e, pelos cochichos, a história chegou no ouvido da esposa de José Pedro, dona Raquel, que chamou os dois e exigiu que eles dessem sumiço na moça.



De início, eles se negaram a fazer o serviço, mas dona Raquel disse que, se eles não fizessem, ela contaria a José Pedro quem trouxe a notícia; além disso, prometeu aos dois meia arroba de café e vinte tostões. Eles descobriram que a menina tinha ido lavar roupa no lajedo aqui próximo e a seguiram. A exigência de Raquel era matar e trazer o seio de Leocádia. Após o crime, um dos assassinos levou o seio e o outro enlouqueceu logo, já chegou em casa se escondendo embaixo de mesa, perguntando à esposa se ela não estava ouvindo Leocádia pedindo socorro. Saiu correndo em direção a Monte Alto e com dois dias foi

encontrado morto. O outro se escondeu numa pedreira, com 11 dias foi encontrado morto também.

Em casa, no mesmo dia, José Pedro ao chegar encontrou uma succulenta refeição e, ao elogiar a esposa, ficou curioso: “Que carne deliciosa! É carne de novilha?”, responde Raquel lentamente: “não reconhece o seio da sua amante?”. Durante três dias a tia procurou Leocádia, até que um vaqueiro foi dar água ao cavalo e encontrou o corpo. O vaqueiro chamou o delegado e o dono do terreno, que era o irmão do José Pedro. Ela foi reconhecida porque tinha uma pinta na mão. Trataram de enterrar por lá mesmo.

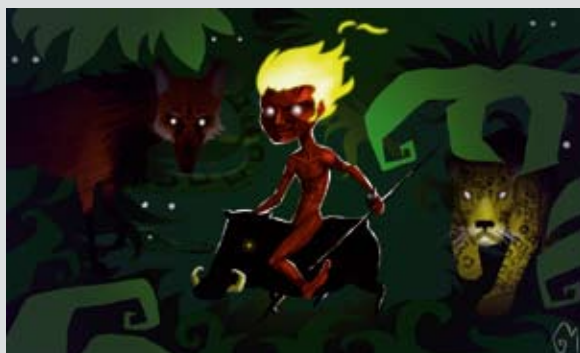
No túmulo de Leocádia as pessoas acreditam que suas orações são atendidas. Até hoje pagam promessas e levam velas. Esta história já virou até filme!



Dulce da Silva Meira, 78 anos, ou melhor, “Dicinha”, professora aposentada.

Tupinambás

Meu avô contava muita história e dizia: a gente cuida de tudo, porque para cada coisa Tupã deixou uma proteção. Na floresta, a Caipora cuida dos animais. Quando o ser humano está maltratando a



Cacique Babal conta a crença da sua tribo



natureza, ela começa a dar sinais: faz aquela pessoa se perder na floresta, cair em buracos, do nada. As pessoas não entendem: “Ah, o madeireiro estava desmatando a mata e morreu, caiu um pau, um acidente”. Acidente nada, aquilo foi a caipora que mandou direto. Nos rios, nós temos Janaína, que é o espírito das águas

Beri, Eru e Sultão das Matas são linhagens muito antigas, além do conhecimento humano. Desde o tempo em que a Terra surgiu que Deus mandou essas linhagens para suas tribos. Tem também os Mastins, (Martins) que são do mar. Os tupinambás têm uma relação muito grande com o mar. Existem aldeias importantíssimas que controlam todo o mar.



Caetité

Para quem é chegado, visitar um alambique é pura tentação. O alambique de seu Nô, em Caetité, foi um passeio no tempo. Melhor ainda foi quando ele ofereceu uma bicada na cachacinha que a equipe da revista viu sendo feita. De estalar os beiços...

SERTÃO PRODUTIVO



LITORAL SUL



Buerarema

Tem pautas que batem no peito e na alma. Todos: Cláudio, Mateus, Rafael, Vanessa, Zezão Castro e **seu** Moacir, nosso cicereiro nas terras do cacau – ficaram impressionados e se sentiram contemplados com a oportunidade de presenciar a espiritualidade dos tupinambás. Moradores da aldeia da Serra do Padeiro, zona rural de Buerarema, invocam a bênção dos encantados, suas divindades. Viva Eru, Sultão das Matas, Caipora e Oxóssi! Salve nossos irmãos tupinambás!



Camacan

Ao chegar a Serra Bonita, em Camacan, o visual lá de cima (quase 800 metros) deixou todo mundo inebriado. Mesmo os bichos da mata andam tranquilos por lá. Um filhotinho de tamanduá, cuja mãe foi caçada, recebeu o nome de Zelito, um dos codinomes do fotógrafo Mateus Pereira. A repórter Vanessa também descobriu com o entomólogo Victor Becker que duas espécies de borboleta levam seu nome: Vanessa virginensis e Vanessa cardium. Que chique!

Ilhéus

Remar é preciso. Viver também. Na volta da Lagoa Encantada, em Ilhéus, o barco tripulado por Zezão, Mateus e **seu** Moacir passou por um processo de pane seca (próximo a Sambaituba), o popular “a gasolina acabou”. Não teve jeito de pegar. A maré enchia, o sol estava a pino. Não houve jeito. Mãos à obra e tome a remar. Só Deus sabe o que são 2 km remando contra a maré... Ufa!



Livramento de Nossa Senhora



Ao chegar à cidade de Livramento, paramos o carro e pedimos informações a um transeunte. Prestativo, o rapaz se prontificou a nos guiar e entrou no carro. Mateus falou: formação sardinha! O camarada entrou e nos presenteou com seu CD: Luizinho do Ceará. “Fui músico do Mastruz com Leite, rodei o país todo e depois parei aqui em Livramento”. Eta mundo pequeno!

OESTE BAIANO

Angical

Logo na noite de chegada da nossa equipe de reportagem a Angical, um verdadeiro carnaval acontecia nas ruas da pacata cidade. A charanga do Boi Jaú, tocando frevos e marchinhas, animava a população. Quase ligamos a câmera, ali mesmo, sem arriar as malas. No outro dia, o repórter Zezão Castro e o repórter fotógrafo Mateus Pereira foram convidados para uma entrevista ao vivo na FM comunitária local, para explicar os objetivos da revista *Bahia de Todos os Cantos*. Só alegria.



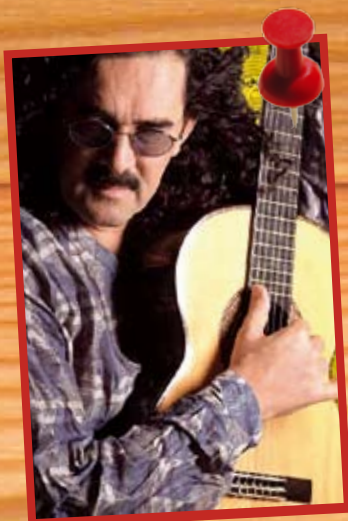
Barreiras

Visitar as fazendas de soja mais afastadas do centro de Barreiras, no chamado Anel da Soja, acabou se tornando um verdadeiro rally. As estradas, ainda “in natura” foram uma verdadeira prova de fogo para o nosso carro, carregado de equipamentos – lama até o teto, vários solavancos e muita munheca do piloto Rafael Pereira. Terminada a aventura, o cinegrafista Cláudio Antônio arranhou um carinhoso apelido para o automóvel: jeguinho



Angicos de Angical

Era uma vez uma vila cercada por vários pés de angico. Havia tantos que o local passou a ser conhecido como Angical, uma árvore comum na América tropical. Sob a forma de goma, o angico dissolvido pode ser aplicado em casos de tosse, asma e bronquite. Já em forma de xarope, com a casca, serve para diarreia e disenteria.



Moraes Moreira

Antonio Carlos Pires Moreira, ou simplesmente Moraes Moreira, é pedra lapidada do Sertão Produtivo. Um dos fundadores dos Novos Baianos e vocalista do trio Armandinho Dodô e Osmar nos anos 70, o garoto nasceu em Ituaçu em 1947. Musical, quis logo aprender a sanfona, trocando depois por um violão. Chegou em Salvador em 1966 e a partir daí a história da música brasileira nunca mais foi a mesma!



Carro de boi que não geme não é bom

Carro-de-boi bom é o gemedor, costumam dizer os sertanejos. Polivalente e existente no Brasil desde os tempos da colonização, serve para conduzir mercadorias e famílias inteiras, ainda hoje, pelos caminhos e veredas do sertão.

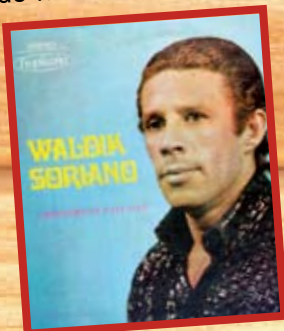
Magnesita

Muita gente ouve falar mas pouca gente sabe pra que serve a magnesita, cujas minas fazem tão famosa a cidade de Brumado. De acordo com o supervisor de minas da magnesita S/A. Adeir Faustino, o minério é utilizado na fabricação de tijolos refratários, ou seja, muito resistentes ao calor e apropriadas para o revestimento de caldeiras na indústria siderúrgica. Ela sai de Brumado, em forma de pó, viajando de trem, e vira tijolo em Minas Gerais.



Waldick Soriano

O Sertão Produtivo também deu ao mundo uma verdadeira jóia da chamada “música cafona brasileira”: Ele, Eurípedes Waldick Soriano, nascido em Brejinho das Ametistas, distrito de Caetité, em 13 de maio de 1933, e falecido no Rio de Janeiro, em 4 de setembro de 2008. Garrimpeiro de origem, Waldick adotou o visual de caubói após ver filmes de faroeste em Caetité. Depois, já famoso, o autor de “Eu não sou cachorro não” foi documentado por Patrícia Pillar no filme “Waldick, sempre no meu coração”, lançado em 2009.



Bataclan

O famoso Bataclan, em Ilhéus, era um luxuoso bordel onde a “ruidosa burguesia do cacau”, no dizer do escritor Gustavo Falcón, formada por coronéis, gerentes de firmas de cacau e prósperos comerciantes, farreavam. Funcionou entre as décadas de 20 e 50 e hoje é um requintado espaço *gourmet*, com decoração de época e charuteria.

Falando Baianês

Arredar –sair

Batata – raiz do umbuzeiro, da qual se faz doce

Brogó – cigarro de palha

Buritirama – palmeira da família do buriti, cujas sementes e palhas são utilizadas no artesanato

Caburé ou caboré – tipo de ave da família das corujas

Cagaita – fruta da cagaiteira, árvore encontrada na caatinga e no cerrado da qual se faz doces e sorvetes

Cambão – pedaço de pau com dois ganchos que se pendura no pescoço dos bois no carro de boi. Serve para carregar água ou outros líquidos

Canga – peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao arado ou ao carro

Cangote - pescoço

Canivete – a vargem de soja quando ainda está verde

Carreiro – pessoa que conduz o carro-de-boi

Gaita – no sertão é flauta (gaita lá é realejo)

Ichu – marimbondo ou vespa

Juá – fruta do juazeiro, abundante na caatinga e que serve ao gado de alimento durante a estiagem

Marruá – novilho que não foi domesticado

Ximango – biscoito feito de polvilho, queijo e sal

Xiringa – biscoito de polvilho, o mesmo que pêta ou avuador

Oportunidade para vencer o desafio da

A ideia de sustentabilidade, crescentemente difundida, vai muito além da equação básica do equilíbrio entre o econômico, o ecológico e o social. Não se trata de pensar em concessões de parte a parte ou de renúncias de investimentos e compensações para proteção ambiental. A sustentabilidade exige antes uma compreensão dos processos sinérgicos possíveis entre os investimentos econômicos, os ecossistemas em que se inserem e o modo de vida da população implicada.

As tradicionais lógicas de mercado, regidas exclusivamente pelo retorno econômico, encontram-se frontalmente questionadas, não mais por posicionamentos meramente ideológicos, mas pela certeza de que não garantem qualidade de vida e vão levando à exaustão os ecossistemas e mesmo o equilíbrio climático global. Isto, sem tratar da incapacidade de dar segurança aos investimentos.

A ideia do estado mínimo, exposta como um dogma de aplicação universal nas últimas décadas, embora tenha sido desmascarada na crise financeira mundial de 2008/09, causou estragos de toda ordem. As duas crises, a financeira e a ambiental, são sintomas com uma mesma causa: a incapacidade do estado mínimo para planejar e ordenar as variáveis da equação da sustentabilidade.

A Bahia, que tem o 6º PIB da federação e luta para tirar seu IDH das últimas posições, é exemplo da falência de um modelo em superação. No passado, os grandes investimentos originários dos impulsos do mercado, sem a eficaz ação de planejamento do estado, foram capazes, sim, de criar riqueza,

usufruindo dos nossos fantásticos recursos ambientais, mas não determinaram necessariamente a imprescindível melhoria de vida da população, com geração e distribuição de renda e qualidade ambiental.

O amadurecimento da cidadania, percebida na progressiva qualificação da participação social nas decisões, na crescente responsabilidade social empresarial e na determinação e empenho do governo em vencer o déficit de planejamento do estado, já mostra seus frutos.

Esta realidade, que aponta para a sustentabilidade, já é palpável no conjunto de ações estatais e privadas que se articulam nas grandes obras de infraestrutura, como, por exemplo, as ações associadas ao Porto Sul, em Ilhéus, que redesenham a logística de transportes na Bahia e redefinem a inserção do nosso estado nos cenários nacional e internacional.

Na matriz de planejamento do estado (2007) constam diretrizes para desconcentração de investimentos, com interiorização de ações e solução para soerguimento da região cacaueira, balizados pela melhoria da qualidade de vida dos baianos. Estas diretrizes orientaram ações de governo que estão requalificando impulsos do mercado e articulando investimentos privados e públicos, federais, estaduais e municipais, numa oportunidade rara de ação conjunta de forças que normalmente não agiam em sinergia.

A Bahia Mineração, que inicialmente pretendia o escoamento do minério de ferro da região de Caetité, por minério-duto, até um terminal privado em Ilhéus, adaptou seu projeto, associando-o às

“Não se trata de pensar em concessões de parte a parte ou de renúncias de investimentos e compensações para proteção ambiental”



Monitoramento via

Com a ocupação do cerrado baiano, o território do Oeste sofreu modificações na sua superfície que ainda não tinham sido contemplados pela atual cartografia, dificultando o monitoramento do avanço da agricultura no cerrado. Foi devido a este fator de fiscalização (não só do cerrado) que a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), autarquia vinculada a Secretaria do Planejamento (Seplan), desenvolveu o Projeto de Atualização Cartográfica.

“Com o projeto teremos informações atuais e precisas. O oeste baiano será a primeira região beneficiada, porque foi por onde começamos os trabalhos de imageamento e de levantamento aéreo fotográfico”, detalha o diretor geral da SEI, José Geraldo dos Reis, acrescentando

sustentabilidade com ações planejadas



satélite do cerrado

que o mapeamento vai dar eficiência a este trabalho de preservação. O resultado serão as fotos georreferenciadas, ou seja, com coordenadas e medidas de distância que podem localizar pontos. Com isso, a atividade fotossintética da vegetação passa a ser mapeada. Qualquer alteração nesse índice sugere mudança e o fato será investigado.



diretrizes do planejamento do estado.

Ações do governo do estado junto ao governo federal viabilizaram a Fiol – Ferrovia de Integração Oeste-Leste, que liga o Centro-Oeste brasileiro ao litoral sul da Bahia, atravessando e dinamizando a economia do nosso Oeste e do Semiárido. Viabilizou-se também o Porto Sul, agora porto público, com um terminal de uso privativo para a mineração. O intermodal se completa com a construção do novo aeroporto vizinho ao porto e as intervenções na malha rodoviária do litoral sul.

A ZPE – Zona de Processamento de Exportações e o Distrito Industrial de Ilhéus, instituídos há tantos anos, preparam-se agora para os negócios que adensarão as cadeias produtivas regionais. Os municípios articulam-se no planejamento territorial do estado, para equacionar e viabilizar a qualificação e uso da mão de obra local, planejando a atração de negócios, a diversificação do turismo e a expansão dos serviços de educação, saúde, saneamento, mobilidade e habitação.

Um grande diferencial deste conjunto de ações é a participação, desde sua gênese, da área ambiental do estado, com aplicação da AAE – Avaliação Ambiental Estratégica, instrumento participativo que permite desenhar o

cenário de sustentabilidade para uma região recordista em biodiversidade e com sérios problemas sociais.

Os ativos ambientais da região, compreendidos como diferencial para mercados exigentes, têm investimentos previstos

para recuperação, proteção e qualificação. Iniciativas que andam paripassu com as intervenções de infraestrutura. Articulam-se também com o GAC – Gestão Ambiental Compartilhada, programa que apoia os municípios para que exerçam sua prerrogativa e obrigação constitucional de fazer gestão ambiental.

“Estas diretrizes orientaram ações de governo que estão requalificando impulsos do mercado e articulando investimentos”

Governo e sociedade civil, com seus atores econômicos e sociais, têm diante de si a oportunidade para vencer o desafio da verdadeira sustentabilidade na consecução planejada e democrática de mais qualidade de vida para os baianos. ■

Eduardo Mattedi Werneck - secretário executivo do Cepam e do Fórum Baiano de Mudanças Climáticas e da Biodiversidade, superintendente de Políticas para a Sustentabilidade da Secretaria do Meio Ambiente.



Foto: Ludmilla Sena

Planejamento: exercício de democracia

Só existe prática formativa com planejamento. Refiro-me às práticas que possuem intencionalidade política. Práticas essas concebidas e desenvolvidas em relação aos projetos e seus objetivos estratégicos. O desafio é o de desenvolver e aplicar instrumentos que facilitem a leitura da realidade e ajudem na tomada de decisões organizativas mais adequadas aos dirigentes e governantes.

O planejamento por si próprio não garante o sucesso da ação. Ele é um instrumento de otimização e não uma vara de condão, podendo vir a fracassar por vários motivos: por uma equação equivocada entre o que se pretende e as possibilidades, por falta de condições de implementar o que foi decidido e por não possuir ferramentas eficientes para gerenciar o plano de ação.

Primeiro há que resolver o antigo dilema da relação entre “o tamanho dos passos e o das pernas” de quem planeja, sendo necessário conjugar o “deve ser” com o “pode ser”. Por outro lado é importante conhecer a governabilidade de quem planeja, pois não adianta ter boas intenções se não existe poder de fato, afinal, só se pode decidir e agir sobre aquilo em que se pode intervir. Por fim, o sucesso de uma ação planejada depende da capacidade e do rigor metódico do gerenciamento.

Planejamento, na prática, nada mais é do que um exercício de preparação (preparar a ação), definindo e organizando previamente o que será feito e como.

O exercício sistemático de um planejamento começa quando quem planeja declara sua intenção de atingir uma meta, um objetivo ou um resultado. As organizações planejam para fazer frente às improvisações em contextos cada vez mais complexos, em situações complicadas e conflituosas, exigindo recursos metodológicos e procedimentos que facilitem o conhecimento da realidade, permitindo a tomada de decisões com o menor risco possível.

Estes conhecimentos são instrumentos de poder. Por isso, planejamento é um instrumento político que qualifica a ação.

Os diversos métodos e técnicas de planejamento identificam várias concepções de conhecimento e poder que os sustentam. A concepção normativa pensa a realidade social como uma coisa inerte, regida por normas, leis ou regras que garantem a sua perfeita harmonia, tendo por trás dessa visão uma forte influência positivista da ordem e do progresso, numa compreensão funcionalista da sociedade. Concepção esta que reforça a dicotomia entre saber e poder.

Outra concepção é a estratégica, que entende a realidade de maneira dinâmica, em permanente conflito ou disputa,

onde não existe a possibilidade de os oponentes conviverem no mesmo espaço: um terá que vencer eliminando o outro. Práticas iniciadas pelos militares no âmbito da guerra, depois incorporadas ao mundo empresarial, a fim de garantir o sucesso na disputa do mercado. Esta noção, hoje, é utilizada nas mais diversas situações que pressupõem embate entre adversários, sendo comum sua observação dentro do mundo esportivo, a fim de garantir a vitória por meio da exploração das limitações e dos erros do oponente.

Uma outra concepção é a participativa, que também analisa a realidade como dinâmica na sua globalidade, onde o todo se compõe na interação das partes. Esta compreensão tenta resgatar o sentido político da interação reforçando a soma de esforços na construção coletiva do conhecimento sobre um determinado contexto.

“O sucesso de uma
ação planejada depende
da capacidade e rigor
metódico do
gerenciamento”

Na tentativa de fazer uma síntese das concepções anteriores, a noção de planejamento estratégico situacional entende a realidade em permanente movimento, portanto, com conflitos e mudanças em um universo onde os diversos atores sociais, com as mais diversas leituras e intenções de ação, constroem seus planos coletivamente na diferença e corresponsabilidade das decisões. Os métodos de planejamento orientados por esta concepção buscam rigorosamente

estabelecer uma correta relação entre saber e poder, indivíduo e coletivo, igual e diferente.

Esta última concepção de planejamento foi desenvolvida pelo professor chileno Carlos Matus, no final da década de 70, com o objetivo de superar a dicotomia entre os conhecimentos dos técnicos e as decisões dos dirigentes. Não se trata apenas de colocar em relação saber e poder, mas também de estabelecer a relação mais adequada entre saber, decisão e ação.

Este tipo de planejamento é o mais exigente exercício de democracia. A noção de ator reforça o aspecto coletivo (não existe um único indivíduo com a leitura correta), a participação na diferença (não há coletivo homogêneo) e a igualdade de opinar e decidir. Isto significa que a democracia se faz na diferença e na disputa. Democracia nem sempre significa consenso.

Como vimos, planejamento tem tudo a ver com saber e poder, e devem andar juntos. É um atributo eminentemente humano, dotado de racionalidade, mas suficientemente flexível para adequar-se à dinâmica da sociedade, que não se subordina à realidade planejada.

Edson Valadares é chefe de gabinete da Secretaria do Planejamento

Mais 3 anos de certificação.



A 1ª imprensa oficial do Brasil com certificado ISO 9001 continua com garantia de qualidade. São mais 3 anos de certificação que tornam a Egba uma empresa moderna, com serviços padronizados e, é claro, custo menor em seus processos produtivos.



crack
CRACK
CRACK
CRACK

**80% DOS HOMICÍDIOS:
PRINCIPAL CAUSA DA VIOLÊNCIA NA BAHIA.**



80% DOS HOMICÍDIOS: O CRACK É A PRINCIPAL CAUSA DA VIOLÊNCIA NA BAHIA.

UM PROBLEMA QUE ATINGE A TODOS. E SÓ VAI DIMINUIR SE TODOS, PODER PÚBLICO E SOCIEDADE,
FICAREM DO MESMO LADO. UNIDOS CONTRA AS DROGAS E NA LUTA PELA PAZ.

PEÇA ORIENTAÇÃO:
0800 51 00 015



 **Bahia**
TERRA DE TODOS NÓS
GOVERNO DO ESTADO